



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS – FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA – PPGLL

LAYANE FIRMINO SILVA

**A VARIAÇÃO PRONOMINAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA ZONA RURAL
DE PARICONHA/AL**

MACEIÓ/AL

2022

LAYANE FIRMINO SILVA

**A VARIAÇÃO PRONOMINAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA ZONA RURAL
DE PARICONHA/AL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória.

MACEIÓ/AL

2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586v Silva, Layane Firmino.

A variação pronominal de primeira pessoa do plural na zona rural de Pariconha / AL / Layane Firmino Silva. – 2022.

87 f. : il. color.

Orientadora: Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória.

Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 84-87.

1. Variação pronominal. 2. Variação nós X a gente. 3. Sociolinguística variacionista. I. Título.

CDU: 81'27

AGREDECIMENTOS

Agradeço ao Bom Deus por sua Providência em minha vida, por ter me ajudado a chegar a concretização deste sonho, também, à Nossa Senhora, por sua fiel intercessão em minha vida.

Aos meus pais, Silvânia e José Luiz, por sempre me apoiarem, incentivarem a estudar e nunca medirem esforços para que realize meus sonhos. Sou e serei eternamente grata por tudo. Amo vocês!

À minha querida orientadora e professora, Dra. ElyneVitório, por toda orientação, ajuda, paciência e acolhida durante todo o percurso do mestrado. Cresci e aprendi muito com a senhora, muito obrigada!

Aos meus irmãos, Larisse, Lázaro e Lilia, também, aos meus cunhados, Paulo Henrique e Marta, por sempre me apoiarem. Sou muito abençoada por tê-los em minha vida!

À Suziane, amiga que a vida acadêmica me deu, que se faz presente em minha vida desde 2013, quem eu partilho tantos momentos e conhecimentos, sempre me ajuda quando preciso. Você sempre esteve comigo nessa jornada e espero que continue para sempre. Obrigada por tudo!

Ao Anilton Alves, por ter cedido seus dados, por ter contribuído com o desenvolvimento desta pesquisa. Muito obrigada!

À Maria Helena, com quem compartilhei diversos conhecimentos e que me apoiou nessa jornada. Muito obrigada!

Ao programa PPGLL-UFAL, por ter aceitado o pedido de transferência, possibilitando-me estudar e realizar minha pesquisa no estado de Alagoas.

Aos professores Adeilson e Silvana, por terem contribuído significativamente com o desenvolvimento deste trabalho. Por todos os apontamentos, comentários, críticas e observações. Obrigada!

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu estivesse aqui, nesse momento, realizando meu sonho. Muito obrigado!

RESUMO

Neste estudo, traçamos o perfil sociolinguísticos dos falantes da zona rural de Pariconha/AL em relação à variação pronominal de primeira pessoa do plural *nós/a gente* em posição de sujeito, com objetivo de analisar se há variação entre os pronomes na fala dos pariconeces e quais os fatores linguísticos e sociais a favorecem. Para tanto, recorreremos à Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), que trata da variação e mudança linguística e discute os diferentes usos linguísticos em seu contexto social. Seguindo algumas etapas básicas da Sociolinguística laboviana, foi definido a variável dependente e as variáveis independentes: tempo verbal, marca morfêmica, paralelismo formal, saliência fônica, determinação do referente, sexo, faixa etária e escolaridade. Assim, para alcançarmos os objetivos propostos neste estudo, recorreremos a amostra de Silva (2020), que foi estratificada de acordo com as variáveis sexo, faixa etária e escolaridade e coletada na comunidade rural de Pariconha/AL. Para a análise estatística dos dados, utilizamos o programa computacional R (R CORE TEAM, 2018) que delimitou as variáveis estatisticamente significativas e as variáveis estatisticamente não significativas na variação em estudo. Como resultado desse estudo, obtivemos 533 ocorrências da forma pronominal *a gente*, que correspondem a 68% das realizações, e 250 ocorrências do pronome padrão *nós*, que correspondem a 32% das realizações, mostrando que há variação de *nós* e *a gente* em posição de sujeito na comunidade rural de Pariconha-AL. Também identificamos a significância das variáveis tempo verbal, marca morfêmica, paralelismo formal, saliência fônica, determinação do referente, faixa etária e escolaridade. O condicionamento extralinguístico faixa etária revela que há indícios de uma mudança em progresso através da implementação da variante *a gente* entre os falantes mais jovens. O condicionamento linguístico apresenta semelhança com outras pesquisas linguísticas, principalmente quanto ao tempo verbal e paralelismo formal (SEARA, 2000; TAMANINE, 2010; FRANCESCHINI 2011; VITÓRIO 2016; VITÓRIO, 2017; SILVA, 2020; SOUZA, 2020). Assim, concluímos que a variação de primeira pessoa do plural na posição de sujeito na comunidade rural de Pariconha-AL é associada tanto a condicionadores linguísticos como extralinguísticos. Os resultados desse estudo, contribuem para entender como fenômeno variável de primeira pessoa do plural se processa na comunidade em estudo e para a descrição do português brasileiro falado das comunidades rurais do estado de Alagoas.

PALAVRAS-CHAVE: Pronomes *nós* e *a gente*. Variação. Pariconha/AL.

ABSTRACT

In this study, we traced the sociolinguistic profile of speakers from the rural area of Pariconha/AL in relation to the pronominal variation of the first person plural *nós/a gente* in subject position, with the objective of analyzing whether there is variation between the pronouns in the speech of the pariconhenses and which linguistic and social factors favor it. To do so, we resort to Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008), which deals with linguistic variation and change and discusses the different linguistic uses in their social context. Following some basic steps of Labovian Sociolinguistics, the dependent variable and the independent variables were defined: verb tense, morphemic mark, formal parallelism, phonic salience, determination of the referent, sex, age group and education. So, in order to achieve the objectives proposed in this study, we used Silva's sample (2020), which was stratified according to the variables gender, age group and schooling and collected in the rural community of Pariconha/AL. For the statistical analysis of the data, we used the computer program R (R CORE TEAM, 2018) which delimited the statistically significant variables and the statistically non-significant variables in the variation under study. As a result of this study, we obtained 533 occurrences of the pronoun *a gente*, which correspond to 68% of the realizations, and 250 occurrences of the standard pronoun *nós*, which correspond to 32% of the realizations, showing that there is variation between *nós* and *a gente* in the position of subject in the rural community of Pariconha-AL. We also identify the significance of the verb tense, morphemic mark, formal parallelism, phonic salience, referent determination, age group and education level. The extralinguistic conditioning of the age group reveals that there are indications of a change in progress through the implementation of the *a gente* variant among younger speakers. Linguistic conditioning is similar to other linguistic research, especially regarding verb tense and formal parallelism (SEARA, 2000; TAMANINE, 2010; FRANCESCHINI 2011; VITÓRIO 2016; VITÓRIO, 2017; SILVA, 2020; SOUZA, 2020). So, we conclude that the variation of the first person plural in the subject position in the rural community of Pariconha-AL is associated with both linguistic and extralinguistic conditioners. The results of this study contribute to understanding how the variable phenomenon of the first person plural is processed in the community under study and to the description of Brazilian Portuguese spoken in rural communities in the state of Alagoas.

KEYWORDS: Pronouns *nós* and *a gente*. Variation. Pariconha/AL.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Frequência Escolar de Pariconha/AL – de 2000 a 2010	51
Gráfico 2- Escolaridade da população de 25 ou mais – 2010	52
Gráfico 3- Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na zona rural de Pariconha/AL	63
Gráfico 4- Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável sexo	65
Gráfico 5- Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável faixa etária	66
Gráfico 6- Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável escolaridade	67
Gráfico 7- Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável tempo verbal	69
Gráfico 8- Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável marca morfêmica.	71
Gráfico 9- Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável saliência fônica	75
Gráfico 10- Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável determinação do referente	76
Gráfico 11: Estimativas para o favorecimento da variante <i>a gente</i>	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável paralelismo formal	73
Tabela 2- Resultados do Modelo de Regressão Logística com as variáveis estatisticamente significativas para o uso da variante <i>a gente</i>	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Pronomes pessoais Latinos	18
Quadro 2-Resultado das ocorrências da variante de primeira pessoa do plural no português	23
Quadro 3- Estratificação da amostra	53

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Representação esquemática da busca dos textos

22

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Mapa de Alagoas

50

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	13
2. FENÔMENO EM ESTUDO.....	18
2.1 Percurso histórico <i>nós e a gente</i>.....	18
2.2 Revisão Sistemática.	21
2.2.1 Metodologia.....	21
2.2.2 Resultados.....	23
2.2.3 Os pronomes de primeira pessoa do Plural nos estudos sociolinguísticos	28
2.3.1.1 Nordeste.....	28
2.3.1.2 Centro-oeste.....	36
2.3.1.3 Sul.....	37
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	41
3.1 Teoria da variação e mudança.....	41
3.2 Procedimentos metodológicos.....	47
3.2.1 Objetivos e hipóteses	47
3.2.2 A comunidade de fala	48
3.2.3 Amostra analisada.....	52
3.2.4 As Variáveis	54
3.2.4.1 Variável dependente	54
3.2.4.2 Variáveis independentes	55
3.3 Procedimento de tratamento quantitativo.....	61
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	63
4.1 Distribuição geral dos dados.....	63
4.1.1 Variável dependente	63
4.1.2 Variáveis extralinguísticas.....	64
4.1.2.1 Sexo	64

4.1.2.2 Faixa Etária.....	65
4.1.2.3 Escolaridade.....	67
4.1.3 Variáveis linguísticas.....	69
4.1.3.1 Tempo Verbal.....	68
4.1.3.2 Marca morfêmica.....	70
4.1.3.3 Paralelismo formal.....	73
4.1.3.4 Saliência fônica.....	74
4.1.3.5 Determinação do referente.....	76
4.2 Análise multivariada	77
5. CONCLUSÃO.....	81
REFERÊNCIAS.....	84

1. INTRODUÇÃO

A Teoria da Variação e Mudança, proposta por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, surge na década de 1960, objetivando estudar a variabilidade e a evolução da língua no contexto das relações sociais. A língua não deve ser concebida como propriedade individual, mas sim como um fator social, uma propriedade social da comunidade. Labov (2008) propõe um novo olhar sobre a estrutura da língua, especialmente, sobre as questões relacionadas à variação e à mudança linguística. O linguista propõe um modelo de descrição dos fenômenos linguísticos enfocando o estudo da relação entre linguagem e sociedade.

Partindo do pressuposto laboviano de que a língua é dotada de heterogeneidade sistemática, podemos entender a variação como um processo em que duas formas podem apresentar-se no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor de verdade, assim, as formas envolvidas precisam, antes de tudo, ser intercambiáveis na situação de fala e manter o mesmo significado referencial, como é o caso dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito, como em (1) e (2), na comunidade rural do município de Pariconha-AL.

(1) - *nós* temos qui qui usá o velho porque o velho também é a nossa história história do nosso antepassados nossos avós pais e etc porque já pensô se você num quisesse sabe nada de velho – daqui ur dia também os filho da gente os subrinhos num quiria sabê da gente também porque a gente também ficô no lugá deles né? (L3FF3E3)

(2) *a gente* comemora cum bandas e: também né a questão religiosa qui também *a gente* participa tem as missas né.(L36FF1E3).

O pronome *a gente* se originou do substantivo feminino latino *gens gentis*, que era utilizado para representar o coletivo. Atualmente, o termo *gente*, antecedido de artigo definido feminino *a*, é utilizado como pronome de primeira pessoa do plural (LOPES, 2004). De acordo com Lopes (2004) e Nascimento (2013), o processo de gramaticalização que passou o pronome *a gente* não aconteceu do dia para a noite, mas por um processo de mudança linguística até chegar ao estágio final. Assim, entendemos que esse processo de mudança linguística acontece de forma lenta e gradual dentro do repertório linguístico do falante.

No entanto, os manuais normativos (CEGALLA, 2008; CUNHA; CINTRA, 2008; ALMEIDA 2009; BECHARA, 2010) tendem para um ponto comum no tratamento desse fenômeno, mostrando que, em relação à primeira pessoa do plural, o pronome *nós* ocupa

posição de sujeito, e a forma inovadora *a gente* só deve ser empregada na forma coloquial, ou seja, em momentos que não se esteja fazendo o uso da linguagem cerimoniosa.

Em gramáticas descritivas, que tomam por base teorias e descrições linguísticas, (KATO; NASCIMENTO, 2009; CASTILHO, 2014), por sua vez, há o reconhecimento de que o sintagma nominal *a gente* é uma forma de representação da primeira pessoa do plural, sendo o *nós* utilizado nos contextos mais formais, como escrita e alguns contextos mais formal da fala, e o *a gente* em contexto de fala menos formal.

Apesar dos manuais normativos não considerarem a variante *a gente* como forma de representação da primeira pessoa do plural, estudos sociolinguísticos mostram que, nas variedades do português brasileiro, há um comportamento variável na representação da primeira pessoa do plural. Essa variação tem apresentado pouca estigmatização, pois sua utilização pode ser constatada frequentemente nas camadas sociais, até mesmo nas situações em que se exigem um alto grau de monitoramento (FREITAG, 2016; VITÓRIO, 2018).

Estudos sociolinguísticos têm mostrado como essa variação se comporta nas variedades brasileiras. Os dados revelam que, no nordeste, a variante *a gente* tende a ser mais frequente (ALVES; SOUZA, 2020; FONSECA, 2020; SILVA, 2020; SOUZA, 2020; VITÓRIO, 2017; VITÓRIO 2019), no centro-oeste, é observado que esse comportamento se mantém em relação a preferência de *a gente* (CARVALHO, 2015; LIMA, 2017), comportamento também encontrado no sul (DEON *et al.* 2016; SPESSATO, 2010), havendo pequenas alterações de frequência a depender da comunidade e dos grupos de fatores controlados nas pesquisas.

A respeito dos usos linguísticos nas comunidades de fala rurais, Lucchesi *et al* (2009) argumentam que, tendo em vista o isolamento que as comunidades se mantinham no interior do país até meados da primeira metade século XX, as formas linguísticas foram passando de uma geração para outra sem grandes alterações. No entanto, nas últimas décadas do século XX, começaram a sofrer influências do português urbano culto ou semiculto. Essas influências são refletidas nos padrões de variação e mudança linguísticas em andamento nessas comunidades.

É o caso, por exemplo, do estudo da variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas/Água Branca-AL (SOUZA, 2020). Nas variedades urbanas, *a gente* é a variante preferida em dados de fala, restando ao pronome *nós* percentuais abaixo de 30%, mas, nessa comunidade rural, a autora mostra que, apesar da preferência pelo uso de *a gente*, há uma competição acirrada entre essas variantes – 56% de *a gente* e 44% de *nós* – o que pode ser associado ao perfil social da comunidade.

Embora a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito seja amplamente estudada no português brasileiro, sabemos que há regiões que não há descrições sociolinguísticas. Há muitas comunidades que ainda não foram estudadas, principalmente comunidades rurais localizadas no interior de Alagoas. Considerando que a língua está sempre acompanhando o processo de mudanças sociais, teremos a possibilidade de pesquisar e apresentar os resultados que podem ajudar na compreensão da língua e no comportamento do fenômeno em comunidades rurais, como é o caso da variação focalizada na comunidade rural de Pariconha-AL.

Desse modo, nosso interesse em desenvolver este estudo se justifica pelo fato de que a maior parte das descrições a respeito do fenômeno no português falado não são realizadas em comunidades rurais, e, na comunidade rural de Pariconha-AL, ainda não há uma pesquisa sobre o uso de *nós* e *a gente* na posição sintática de sujeito. Acreditamos ser esta uma pesquisa importante, pois contribuirá com a descrição da língua em uso nessa comunidade, bem como com o mapeamento sociolinguístico das variedades do português brasileiro.

Com o objetivo de analisar se há variação dos pronomes *nós* e *a gente* na comunidade em estudo, e, também, se grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos interferem nessa variação e, do mesmo modo, se estamos diante de um processo de variação estável ou de mudança em progresso, realizamos uma análise quantitativa os dados com o intuito de responder as seguintes questões: há variação *nós* e *a gente* na comunidade fala de pesquisa? Há interferência das variáveis tempo verbal, marca morfêmica, paralelismo formal, saliência fônica, determinação do referente, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade? Que fatores linguísticos e/ou sociais condicionam o uso de uma ou de outra forma pronominal? Tal variação reflete um processo de variação estável ou de mudança em progresso?

Como respostas provisórias as questões formuladas, propomos as seguintes hipóteses: *nós* e *a gente* coexistem na comunidade; as variáveis tempo verbal, marca morfêmica, paralelismo formal, saliência fônica, determinação do referente, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade condicionam essa variação; o uso da variante inovadora *a gente* é mais frequente entre os jovens e decrescente em relação à idade de outros informantes mais velhos, o que indicará um processo de mudança em progresso do pronome inovador *a gente* .

Para descrição e análise dos dados, recorreremos a amostra de Silva (2020), que foi coletada na comunidade de Pariconha/AL e é composta por 45 informantes estratificados de acordo as variáveis sexo/gênero (masculino/feminino), escolaridade (sem escolarização, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) e faixa etária (F1 – 18 a 29 anos/ F2 – 30 a 44

anos e F3 – acima de 44 anos). No momento da coleta dos dados, nem todas as células dos falantes sem escolarização foram preenchidas, dessa forma, para que não houvesse enviesamento dos dados, optamos por não analisar as entrevistas dos informantes sem escolarização. Após a análise dos dados, separamos todas as realizações das variantes estudadas presentes na amostra e usamos o programa R (R CORE TEAM, 2018) para análise estatística.

Este trabalho está organizado em cinco seções, conforme exposto a seguir.

Na primeira seção, iniciamos com a apresentação do nosso estudo, expondo o que propomos nesta pesquisa. Abordamos um pouco a respeito dos avanços em relação aos estudos da linguagem e a origem do pronome variante *a gente*, também, do comportamento dos usos linguísticos nas comunidades rurais, em seguida, iniciamos a apresentação do nosso trabalho, expondo de forma concisa o conteúdo dos capítulos posteriores.

Na segunda seção, apresentamos uma breve introdução do percurso histórico dos pronomes *nós* e *a gente*, bem como a revisão sistemática dos estudos sociolinguísticos em diferentes regiões do país, que serviram de base para o desenvolvimento da pesquisa (SPESSATO, 2010; NASCIMENTO, 2013; CARVALHO, 2015; DEON *et al.*, 2016; VITÓRIO, 2016; LIMA, 2017; VITÓRIO, 2017; VITÓRIO, 2019; ALVES; SOUZA, 2020; FONSECA; LOPES, 2020; SILVA, 2020; SOUZA, 2020). O objetivo é mostrar o comportamento dos pronomes *nós* e *a gente* em algumas variedades do português brasileiro.

Na terceira seção, apresentamos os pressupostos teóricos e metodológicos que fundamentam o nosso estudo. Dessa maneira, iniciamos com uma breve abordagem a respeito da delimitação da ciência da linguagem, apresentamos a Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 2008) e expomos alguns conceitos importantes. Apresentamos também os objetivos e hipóteses que norteiam o nosso estudo, os procedimentos metodológicos adotados em nossa pesquisa, como também as variáveis selecionadas e, por fim, discorremos a respeito do programa computacional R (R CORE TEAM, 2018) e da análise estatística.

Na quarta seção, apresentamos a descrição e análise dos dados, que foi realizada no programa computacional R (R CORE TEAM, 2018), mostrando não só os resultados da variável dependente *nós/a gente*, como também se o fenômeno em estudo é associado a variáveis linguísticas tempo verbal, marca morfêmica, paralelismo formal, saliência fônica, determinação do referente, e a variáveis sociais sexo, faixa etária e escolaridade na variação de primeira pessoa do plural na posição de sujeito na comunidade rural de Pariconha- AL.

Na quinta e última seção, apresentamos as considerações finais do trabalho, trazendo os resultados obtidos de cada variável controlada e as nossas reflexões a respeito do fenômeno em estudo. Assim, os resultados apresentam indícios de uma mudança em progresso através da implementação da variante *a gente* entre os falantes mais jovens.

2. FENÔMENO EM ESTUDO

Nesta seção, descrevemos os estudos que serviram de base para o desenvolvimento desta pesquisa. Desse modo, apresentamos uma breve introdução do percurso histórico dos pronomes pessoais *nós* e *a gente*, em seguida, apresentamos a revisão sistemática dos estudos sociolinguísticos em diferentes regiões do país, mostrando o comportamento dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito em algumas variedades do português brasileiro.

2.1. Percurso histórico *nós* e *a gente*

O português é uma língua neolatina, assim, o pronome pessoal de representação da primeira pessoa do plural, *nós*, está presente no quadro dos pronomes latinos e tem se conservado até os dias atuais, conforme observamos no quadro (1). Contudo, ao longo da história, a língua portuguesa passou por transformações, e o quadro dos pronomes pessoais, no português brasileiro, sofreu algumas alterações, com a implementação das formas *a gente* e *você*, que passaram por um processo de gramaticalização até chegarem às formas atuais.

Quadro 1- Pronomes pessoais Latinos

CASOS ²	SINGULAR		PLURAL	
Nom.	ego	Eu	nos	nós
Gen.	mei	de mim	nostri	de nós
Dat.	mihi	a mim	nobis	a nós
Ac.	me	Me	nos	nos
Abl.	(a) me	por mim	(a) nobis	por nós
N.V	tu	Tu	vos	vós
Gen.	tui	de ti	vestri	de vós
Dat.	tibi	a ti	vobis	a vós
Ac.	te	Te	vos	vos
Abl.	(a)te	por ti	(a)vobis	por vós

Fonte: (ALMEIDA 2000, p.103)

A gramaticalização é definida, por alguns estudiosos (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007), como um processo pelo qual itens lexicais passam a assumir, em certas situações, um novo status como itens gramaticais, bem como quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, podendo alterar sua categoria sintática e receber propriedades funcionais na sentença. Quando um item lexical passa pelo processo de gramaticalização, entende-se que esse item sofreu um processo de rearranjo, no qual seus elementos podem ter perdido suas potencialidades referenciais e adquirido novas funções.

O processo de gramaticalização não acontece do dia para a noite, mas passa por um processo de mudança linguística até chegar ao estágio final. Assim, entendemos que esse

processo de mudança linguística acontece lentamente no meio social, ou seja, ele não acontece de forma direta, ocasionando uma troca abrupta de um elemento linguístico por outro, mas sim de forma lenta e gradual dentro do repertório linguístico do falante, como é o caso, por exemplo, da forma pronominal *a gente* (LOPES, 2004; NASCIMENTO, 2013).

Segundo Lopes (2004), a forma *a gente* se originou de uma expressão nominal e, com o passar do tempo, perdeu a forma feminina, o traço formal de número e ganhou traço de pessoa. Ao assumir dadas propriedades, valores e funções, o substantivo *gente* passou a fazer parte de uma outra classe. Nesse processo, nem todas as propriedades do nome *gente* foram perdidas, como também não foram assumidas todas as propriedades intrínsecas dos pronomes pessoais. A autora argumenta que a forma *a gente* mantém do nome *gente* o traço de 3ª pessoa, mesmo acionando uma interpretação semântico-discursiva de 1ª pessoa do plural, mas perde o traço de número plural registrado na sintaxe e o traço de gênero [+ fem].

Com o intuito de delinear o percurso histórico da mudança categorial do substantivo *gente* para o pronome *a gente*, Lopes (2002) realizou uma análise quantitativa com base em dados do século XIII ao século XX, analisando os ambientes linguísticos e extralinguísticos mais favoráveis ao uso de uma ou de outra forma. A autora demarca de forma cronológica a fase histórica em que se processa essa transição do nome *gente* para pronome *a gente*, verificando as possíveis causas da pronominalização do vocábulo *gente* em português e o enquadramento desse fenômeno como uma mudança interna e externamente encaixada.

Na quantificação da cronologia de (*a*) *gente* em tempo real de longa duração, a autora verificou que o processo de pronominalização do substantivo *gente* foi lento e gradual, pois só foram localizadas ocorrências de *a gente* como pronome no século XVIII. A autora também mostra que, anteriormente a esse período, há exemplos esporádicos em que a forma *a gente* apresenta ambiguidade interpretativa, podendo ser considerada sinônimo de pessoas, como também variante de *nós*, como podemos observar nos exemplos (3) e (4):

(3) “(...) E os tigres, em tanta quantidade (por não haver descampados), que, em se metendo a rês no mato, não sae, e o mesmo risco corre *a gente*, se não anda acompanhada, e pelos rios e lagos dos jaguarés...” (BERNARDO, 1996:28)” (LOPES, 2002, p.02).

(4) “*Rosinha* - A prima Maricota disse-me que era uma coisa de pôr *a gente* de queixo caído.” (JÚNIOR, (1882: 165)” (LOPES, 2002, p.02).

Com relação aos resultados, a autora mostra que, a partir do século XVII, há um crescimento contínuo de exemplos dessa natureza, o que pode refletir um período de transição

entre o uso da forma em questão exclusivamente como substantivo até esse tempo e o início do emprego mais efetivo como pronome que ocorre a partir do século XIX.

Esses casos de leitura dúbia começam a se tornar mais frequentes no século XVI em diante, e o período transitório se instala entre o século XVII e o século XIX. A autora ainda salienta que a ascendência da curva dos casos considerados ambíguos coincide com uma curva descendente do emprego de *gente* como sinônimo de pessoas, da mesma forma, ao passo que se configura a intensificação do emprego de *a gente* como forma pronominal no século XIX, essa interpretação ambígua deixa de se fazer presente.

No que diz respeito à variação *a gente* ao longo o tempo, Lopes (2004) nos apresenta um estudo diacrônico, que objetivou analisar como se deu o processo de gramaticalização de *gente* para o pronome *a gente*. Para tal, foi utilizado um *corpus* de gravações constituído por falantes cultos cariocas realizadas na década de 70 e na década de 90. Os resultados mostram que a substituição de *nós* por *a gente* implementou-se de forma acelerada nos últimos vinte anos na fala carioca, sobretudo, entre os falantes não-cultos, exibindo um comportamento estável nesse grupo: as mesmas taxas de frequência nos dois períodos analisados.

Com relação aos falantes cultos, foi observado uma certa instabilidade dos anos 70 para os anos 90, pois, o comportamento se inverteu nessas últimas décadas: *a gente* se tornou mais usual que *nós*, assumindo o mesmo comportamento observado antes na fala popular do Rio de Janeiro: mudança de “baixo para cima”. A forma inovadora vai lenta e constantemente ganhando terreno de sua concorrente, mesmo que de maneira estável.

Callou e Lopes (2004), em um estudo de tendência realizado no Rio de Janeiro, apresentam que, conjugando-se as amostras, os resultados mostram que a substituição de *nós* por *a gente* se está efetivando progressivamente nos últimos 30 anos, tanto entre os falantes cultos como os não-cultos. Enquanto, na amostra NURC-RJ relativa aos anos 70, o uso da forma mais antiga *nós* suplantava a forma inovadora, na nova amostra referente à década de 90, com informantes diferentes, há um uso mais frequente da forma inovadora, indicando uma aceleração rápida na implantação da substituição de *nós* por *a gente* na comunidade.

Callou e Lopes (2004) também mostram que, nas décadas de 80 e anos 2000, as proporções no uso das variantes continuam praticamente as mesmas, a comunidade se apresenta instável, se forem levados em conta os falantes cultos, mas quanto aos não-cultos, percebe-se uma certa estabilidade no comportamento da comunidade de uma década para outra.

Dessa maneira, observamos que, ao longo do tempo, aconteceram mudanças quanto à representação do pronome de primeira pessoa do plural, e que, apesar de ser conservado até os dias atuais a forma antiga *nós*, ocorreu o surgimento da variante *a gente*, que se derivou do processo de gramaticalização de *gente* para o pronome *a gente*, que ocorreu de forma lenta e gradual, e vem, cada vez mais, ganhando espaço no Português Brasileiro.

2.2 Revisão Sistemática

2.2.1 Metodologia

Para realização da revisão de literatura, optamos pela revisão sistemática. Apesar de não ser uma revisão muito recorrente nos estudos sociolinguísticos, possibilita uma análise mais criteriosa da variação pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro. Nesse primeiro momento, foi elencada uma questão para nortear a pesquisa, como forma de estabelecer o problema a ser investigado. Dessa forma, foi escolhida a seguinte pergunta base: Como a primeira pessoa do plural na posição de sujeito comporta-se no português brasileiro?

Para dar conta da questão, o primeiro passo foi definirmos como base de dados para busca de textos o Google Acadêmico. Em seguida, definimos as palavras-chave da seguinte forma: o processo aqui estudado (*a variação nós e a gente*), o ambiente gramatical em que esse processo ocorre (posição de sujeito) e a base teórica (Sociolinguística Variacionista).

Com as palavras-chave que norteiam o fenômeno linguístico variável estudado mais os operadores booleanos¹, elaboramos a seguinte expressão de busca: “nós e a gente” AND “posição de sujeito” AND “sociolinguística variacionista”.

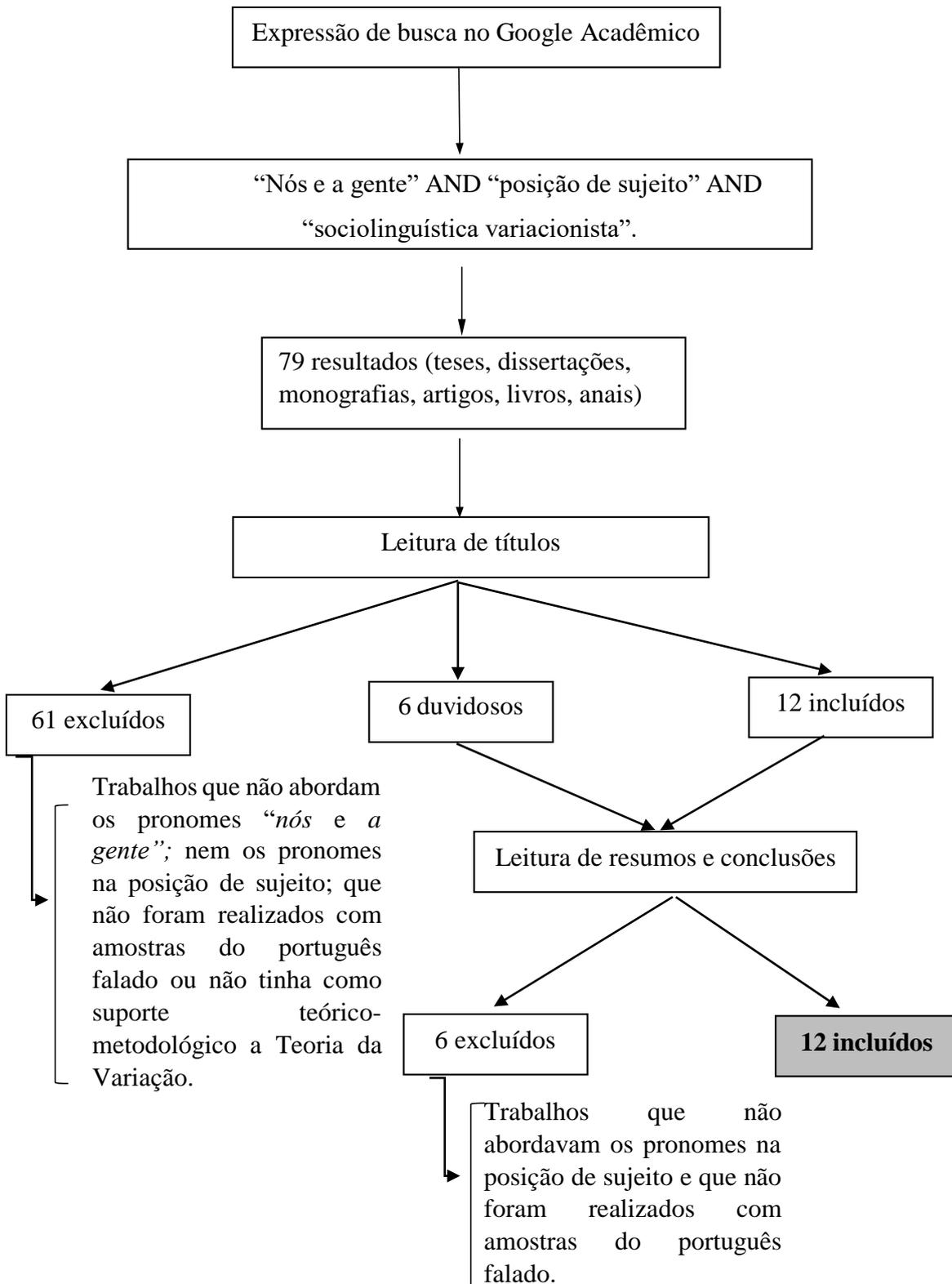
Com a expressão acima, em dezembro de 2020, realizamos a busca no Google Acadêmico. Na base de dados, optamos por desmarcar a caixa de citações, com intuito de termos somente os títulos com os pdf, também delimitamos o período de busca de 2010 à 2020, bem como optamos por dobrar o valor padrão de dez títulos para vinte resultados, com o intuito de obtermos e analisarmos mais resultados por páginas.

Ao realizarmos a busca, obtivemos um resultado de seis páginas, apresentando o Google Acadêmico aproximadamente 120 resultados. Porém, após a análise das páginas, o resultado

¹ Operadores booleanos são conectores usados para dizer ao sistema de busca como deve ser feita a combinação entre os termos ou expressões de uma pesquisa.

exato obtido foi 79 textos, sendo distribuído em 6 páginas. Na Figura 1, apresentamos o esquema de busca dos textos:

Figura 1- Representação esquemática da busca dos textos



Fonte: Elaboração própria (2021)

Baseado nos títulos e nas palavras-chave, apresentados pelo Google Acadêmico em trechos dos textos analisados, tivemos 61 trabalhos excluídos, visto que o objeto de estudos desses textos não era a variação pronominal de primeira pessoa do plural, não abordava o fenômeno na posição de sujeito, não tinha sido realizada com amostras do português falado ou não tinha como suporte teórico-metodológico a Teoria da Variação e Mudança.

Após essa etapa de exclusão, realizamos a leitura do resumo e conclusão dos textos incluídos, entre eles os textos duvidosos. Essa etapa se sucedeu porque não foi possível identificar somente por meio da leitura dos títulos e das palavras-chave se esses textos abordavam a variação pronominal de primeira pessoa do plural na posição de sujeito. Por meio da leitura do resumo desses textos, definimos se a pesquisa tratava do fenômeno em estudo.

Após essa fase, realizamos a leitura dos trabalhos incluídos como forma de constatar a pertinência com o tema investigado. Com isso, foi feito um estudo e apresentação dos dados, como forma de sistematizar as produções.

2.2.2 Resultados

Com relação à busca realizada no Google Acadêmico, foram identificados 79 trabalhos. Após a leitura dos títulos, considerando as palavras de busca, 18 trabalhos foram selecionados, dentre esses, 6 foram duvidosos. Realizada a leitura dos resumos e conclusão para excluir aqueles que não abordavam o fenômeno em estudo na posição de sujeito, que não foi possível identificar somente pela leitura dos títulos e palavras-chave, chegamos ao número final de 12 trabalhos selecionados. Como forma de sistematização das pesquisas selecionadas, apresentamos os principais resultados no quadro 2.

Quadro 2- Resultado das ocorrências da variação de primeira pessoa do plural no português.

Título do trabalho de pesquisa/ Tipo do Trabalho	Autor(a)/ Ano	Corpus	Principais resultados
Formas linguísticas inovadoras não conhecem fronteiras: Nós/a gente na fala da população da Costa da Lagoa. (Artigo)	Spessatto 2010	Amostra composta por 6 informantes de Costa da Lagoa.	293 ocorrências Variáveis linguísticas: Concordância verbal: há uso categórico de concordância verbal canônica com o sujeito <i>a gente</i> , com percentual (100%); Variáveis sociais: Faixa-etária: Os falantes mais jovens (15 a 35 anos) apresentam menor uso de <i>a gente</i> , com um percentual (70%), os informantes acima de (46 anos) apresenta um percentual de (74%);

			Escolaridade: A variante não padrão <i>a gente</i> aparece em (82%) das ocorrências entre os sujeitos mais escolarizados, contra (61%) entre os menos escolarizados.
Nós e a gente em Salvador: confronto entre duas Décadas. (Dissertação)	Nascimento 2013	Amostra composta por 24 informantes-Acervo projeto NURC	<p>554 ocorrências</p> <p>Variáveis linguísticas: Preenchimento do sujeito: o sujeito implícito favorece <i>nós</i> (93%); Nível de referencialidade: a forma padrão São mais específicas (0,55); Paralelismo discursivo: a forma padrão apresenta um maior percentual (100%), no fator referência igual a anterior; Tempo e modo verbal: a forma padrão <i>nós</i> apresenta um maior percentual no fator Futuro do pretérito do indicativo (92%).</p> <p>Variáveis sociais: Sexo/gênero: o uso de <i>nós</i> é mais utilizado pelos homens, com um percentual de (66%); Faixa-etária: A forma padrão <i>nós</i> é mais realizada na faixa 3, com um percentual de (76%).</p>
Uso variável de nós e a gente na fala e escrita de pessoas do Distrito Federal. (Monografia)	Carvalho 2015	Amostra composta por 40 informantes	<p>290 ocorrências nas entrevistas orais</p> <p>Variáveis linguísticas: Marcas morfêmicas: As duas possibilidades de concordância verbal com mais ocorrência foram “<i>nós</i>” + “-<i>mos</i>” (44,62%) e “<i>a gente</i>” + \emptyset (32,22%); Preenchimento do sujeito: a variante não padrão na fala apresenta uma maior realização, em sujeito explícito (31 realizações) e em sujeito implícito (17 realizações); Paralelismo formal: os dois maiores índices são de “<i>nós...</i>” + “-<i>mos</i>” (22 realizações) e “<i>a gente...</i>” + \emptyset (28 realizações); Posição sintática: na posição de sujeito a variante não padrão <i>a gente</i> apresenta maior número de realizações (213).</p> <p>Variáveis sociais: Sexo/gênero: as mulheres fazem mais uso da variante não padrão <i>a gente</i> (77,58%); Faixa etária: Os falantes mais velhos utilizam mais na fala, a forma inovadora <i>a gente, os</i> Adultos apresentam (81,39%) e idosos (73,68%).</p>
Variação pronominal nós/a gente em Guarapuava, Paraná: o papel dos fatores linguísticos. (Artigo)	Deon et al 2016	Amostra composta de 24 informantes-Acervo projeto VARLINGUA	<p>1671 ocorrências</p> <p>Variáveis linguísticas: Tonicidade: a variante não padrão <i>a gente</i> foi favorecida com monossílabos tônicos e oxítonos, com pesos relativos de 0,95 e 0,92; Tempo verbal: os tempos verbais que favoreceram o uso da variante não padrão <i>a gente</i> foram o presente do indicativo, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito, com 0,64; 0,62 e 0,58;</p>

			<p>Determinação referente: a distribuição entre <i>nós</i> e <i>a gente</i> em contextos de <i>determinação</i> foide 67% para <i>a gente</i> e 33% para <i>nós</i>. Na <i>indeterminação</i>, como era esperado, o pronome inovador <i>a gente</i> também predominou, apresentando um percentual de uso ainda mais elevado (89%).</p> <p>Presença/ausência do pronome: os falantes de Guarapuava utilizam mais o pronome <i>a gente</i> de maneira <i>expressa</i> (presença do pronome), com peso relativo de 0,58. A ausência do pronome predomina quando o sujeito é o pronome <i>nós</i> (0,79).</p>
<p>Variação nós e a gente na fala cultada cidade de Maceió/AL. (Artigo)</p>	<p>Vitório 2016</p>	<p>Amostra composta 24 entrevistas de falantes maceioenses.</p>	<p>319 realizações</p> <p>Variáveis linguísticas:</p> <p>Paralelismo formal: a variante não padrão <i>a gente</i> apresenta um percentual de (94%) para o fator antecedido por <i>a gente</i> e a fora pronominal <i>nós</i> antecedido por <i>nós</i> (81%);</p> <p>Preenchimento do sujeito: os falantes utilizam mais a forma não padrão <i>a gente</i> quando o sujeito pronominal é realizado foneticamente, apresentando percentuais de 84% para a expressão plena <i>versus</i> 59% para a expressão nula.</p> <p>Variáveis sociais:</p> <p>Faixa-etária: os falantes das faixas etárias mais jovens tendem a utilizar mais a forma inovadora <i>a gente</i>, apresentando um percentual de (99%) a F1(15-29 anos) e (90%) a F2 (30-44 anos);</p> <p>Sexo/gênero: As mulheres utilizam a variante inovadora <i>a gente</i> com mais frequência – (85%) <i>versus</i> (77%) entre os homens.</p>
<p>A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL. (Artigo)</p>	<p>Vitório 2017</p>	<p>Amostra composta por 72 entrevistas de falantes maceioenses</p>	<p>624 ocorrências</p> <p>Variáveis linguísticas:</p> <p>Marca morfêmica: morfema <i>zero</i> favorece o uso de <i>a gente</i> apresenta (99%) <i>versus</i> morfema-<i>mos</i> (24%);</p> <p>Paralelismo formal: a variante <i>a gente</i> apresenta um percentual de (97%) para o fator antecedido por <i>a gente</i>;</p> <p>Preenchimento do sujeito: <i>a gente</i> é mais frequente quando o sujeito pronominal é realizado foneticamente, apresentando um percentual de (88%).</p> <p>Variáveis sociais:</p> <p>Escolaridade: a forma <i>a gente</i> é mais recorrente na fala de pessoas com menos escolarização, ens. Fundamental (93%);</p> <p>Faixa-etária: falantes mais jovens (15-29 anos) usam mais a forma inovadora (97%).</p>

Um estudo sobre a variação do uso de “nós” e “a gente” na cidade de Luziânia – GO.(Artigo)	Lima 2017	Não há identificação de amostra	<p>Variáveis linguísticas: Posição de sujeito: a variável apresenta Uma diferença não muito expressiva Entre as variantes na posição de sujeito, sendo (42%) <i>nós</i> versus (58%) <i>a gente</i>.</p> <p>Variáveis sociais: Sexo/gênero: Os homens fazem mais uso da variante não padrão <i>a gente</i> (63%); Faixa etária: na faixa etária de (31 a 55 anos) os falantes tendem a usar mais a variante não padrão <i>a gente</i> (74%). Escolaridade: Os falantes menos escolarizados tendem a usar mais o <i>a gente</i> (83%).</p>
A variação nós e a gente na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL. (Artigo)	Vitório 2016	Amostra composta por 64 crianças- Projeto LUAL	<p>384 ocorrências</p> <p>Variáveis linguísticas: Marca morfêmica: o morfema <i>-mos</i> favorece a realização da forma pronominal <i>nós</i>, com (96%). O morfema <i>zero</i>, por sua vez, favorece a realização da forma pronominal <i>a gente com</i> (95%); Paralelismo formal: o fator antecedido por <i>a gente</i> apresenta um percentual de (99%); Preenchimento do sujeito: o pronome variante <i>a gente</i>, apresenta um percentual de (95%) para a expressão plena versus (61%) para a expressão nula</p> <p>Variáveis sociais: Sexo-gênero: A forma pronominal <i>a gente</i> apresenta um percentual maior de realização entre as crianças do sexo feminino – 87% versus 77% para as crianças do sexo masculino.</p>
A Variação Nós/A Gente no Falar Maranhense. (Artigo)	Alves e Sousa (2020)	Amostra composta por 44 informantes- Acervo do ALiMA	<p>1456 ocorrências</p> <p>Variáveis linguísticas: Tempo Verbal: o uso da variante não padrão <i>a gente</i> foi mais favorecido no pretérito perfeito do indicativo, com PR 0.86; Paralelismo formal: o uso da variante não padrão <i>a gente</i> foi mais favorecido em formas antecedentes ao pronome <i>a gente</i>, sendo registrado PR 0.93.</p> <p>Variáveis sociais: Variáveis sociais: Sexo/gênero: os sujeitos do sexo femininos tendem a fazer mais uso do pronome <i>a gente</i>, apresentando um peso relativo 0.75; Faixa etária: o uso do <i>a gente</i> foi mais Favorecido na faixa II(50 a 65 anos), com PR 0.55; Escolaridade: Em São Luís, Após a rodada, foi constatado que a maior frequência de uso da variante não padrão <i>a gente</i> foi para falantes com até o ensino superior, com PR 0.67.</p>
A variação do sujeito nós e a gente no português	Fonseca e Lopes (2020)	Amostra compostas por 4 informantes de	<p>170 ocorrências</p> <p>Variáveis linguísticas:</p>

<p>falado em Alagoinhas, Bahia. (Artigo)</p>		<p>Alagoinhas, acervo ALiB</p>	<p>Pronome <i>a gente</i> na posição de sujeito: apresenta o uso muito elevado em relação a nós (74,7 %).</p> <p>Variáveis sociais: Sexo: homens apresentam um maior uso do pronome <i>nós</i> (37,5%) versus mulheres (17,9%).</p>
<p>A variação pronominal <i>nós</i> e <i>a gente</i> na fala de Fortaleza. (Dissertação)</p>	<p>Silva (2020)</p>	<p>Amostra composta por 16 informantes</p>	<p>292 ocorrências</p> <p>Variáveis linguísticas: Determinação do referente: as formas <i>a gente</i> revelaram um uso maior de <i>a gente</i> no contexto de referência ao próprio falante, com traço [+/- específico] apresentando um percentual de (96,8%); Paralelismo formal: o fator que mais favoreceu o uso de <i>a gente</i> foi a referência anterior <i>a gente</i>, independente do referente, com percentual de 85,7%; Tempo verbal/ formas nominais: a forma pronominal não padrão apresenta um maior percentual para Presente do Indicativo (79,2%); Posição do sujeito em relação ao verbo: há um maior favorecimento da forma <i>a gente</i> em Contextos de sujeito imediatamente anteposto ao verbo (um após o outro) os dados apresentam (70%), enquanto a forma <i>nós</i> apresentou frequência de 30%.</p> <p>Variáveis sociais: Sexo/gênero e Faixa- etária: há uma tendência maior ao uso de <i>a gente</i> pelos homens (88,5%); A frequência da forma <i>a gente</i> é alta nas duas faixas etárias do sexo masculino (FI – 79%; FII – 93%).</p>
<p>A variação <i>nós</i> e <i>a gente</i> na posição de Sujeito na comunidade quilombola Serra das viúvas /Água Branca-AL. (Dissertação)</p>	<p>Souza (2020)</p>	<p>Amostra composta por 20 informantes</p>	<p>429 ocorrências</p> <p>Variáveis linguísticas: Paralelismo formal: o fator antecedido por <i>a gente</i> apresenta um porcentual de (90%) de realização; Marca morfêmica: <i>a gente</i> é favorecida pela presença de marca morfêmica de terceira pessoa do singular com (63%), e <i>nós</i> pela presença de marca morfêmica de primeira pessoa do plural com (89%).</p> <p>Variáveis sociais: Faixa-etária: os falantes mais jovens (24-50 anos) tendem a usar mais a forma inovadora (62%); Sexo/gênero: os homens fazem mais uso da variante não padrão <i>a gente</i> (54%).</p>

Fonte: Elaboração própria (2021)

Os trabalhos selecionados nesta revisão não abrangem todas as regiões do país, a região que mais se destaca é a região nordeste (ALVES; SOUZA, 2020; FONSECA; LOPES, 2020; NASCIMENTO, 2013; SILVA, 2020; SOUZA, 2020; VITÓRIO, 2016; VITÓRIO, 2017; VITÓRIO, 2019). No centro-oeste, encontramos dois trabalhos (CARVALHO, 2015; LIMA, 2017) e, no Sul, também encontramos dois trabalhos (DEON *et al*, 2016; SPESSATO, 2010). Dessa forma, os resultados dos estudos são apresentados na seção seguinte.

2.2.3. Os pronomes de primeira pessoa do Plural nos estudos sociolinguísticos

A língua apresenta heterogeneidade ordenada, assim, os condicionantes linguísticos e sociais são essenciais para que se possa chegar a um entendimento da variação em estudo. Dentre os condicionantes, foram controlados nas pesquisas de modo mais frequente: paralelismo, preenchimento do sujeito, posição do sujeito, posição sintática, tempo e modo, marca morfêmica, concordância verbal, determinação e indeterminação, presença/ausência do pronome, tipo de texto e tonicidade, e os fatores sociais sexo, faixa etária e escolaridade.

2.3.1.1 Nordeste

Alves e Souza (2020), no estudo *A Variação Nós/A Gente no Falar Maranhense*, analisaram uma amostra composta de 44 entrevistas do Atlas Linguístico do Maranhão – Projeto ALiMA, no qual foram realizadas com falantes de dez localidades do estado, estratificadas segundo as variáveis sexo, idade e nível de escolaridade. Após a análise dos dados, as autoras constataram que, das 1456 realizações encontradas na fala dos informantes maranhenses, 1008 foram para o uso do pronome inovador *a gente*, com percentual de (69,2%), contra 448 para o pronome padrão *nós*, com percentual de (30,8%). As autoras consideraram os grupos de fatores paralelismo formal e tempo verbal, sexo, idade e nível de escolaridade.

Alves e Souza (2020) apontam que, na segunda rodada dos dados, foi constatado que o uso da variante *a gente* é mais favorecido no tempo pretérito perfeito do indicativo, com PR 0,86, do que no tempo pretérito imperfeito do indicativo, com PR 0,40. As autoras também mostram que outro tempo que se mostrou relevante no estudo foi o tempo verbal infinitivo pessoal, com PR 0,74. Desse modo, as autoras constataram que o maior PR para o tempo pretérito do indicativo se justifica pelo fato de que os falantes narram experiências pessoais passadas, assim, nesses trechos das entrevistas, há mais ocorrências do fenômeno.

Com relação ao grupo de fatores paralelismo formal, as autoras constataram não só que essa variável condiciona a variação analisada, como também que o uso de *a gente* favorece *a gente* na mesma sequência do discurso, com PR. 0,93. Os resultados confirmam as hipóteses

das autoras de que os falantes, ao fazerem o uso da variante *a gente*, tendem a reproduzi-la na mesma sequência discursiva, conforme o exemplo (5).

(5) INQ. – Como é o lugar onde você/ o(a) senhor(a) trabalha? Fale um pouco sobre esse lugar. INF. – É lá na escola, que D. Nilza é diretora. Lá é uma escola boa, né? *A gente* fica lá da hora que *a gente* chega, aí eu chego, abro a escola, aí eu fico lá que na hora que 'u chego oprimêro serviço *a gente* abre a escola, depois *a gente* vamo alimpá as salas, limpá por lá por onde tive sujo. (MA02/4). (ALVES; SOUZA, 2020, p.13).

Como podemos observar, a primeira forma utilizada na sentença é o *a gente*: “*A gente* fica lá da hora *que a gente* chega. Na sequência, notamos que o informante mantém a preferência pelo uso da variante “...*a gente* abre a escola, depois *a gente* vamo alimpá...”. Desse modo, Alves e Souza (2020) confirmam suas hipóteses em relação à variável paralelismo formal, pois independente de qual pronome foi usado no início de uma sequência discursiva, a primeira forma escolhida se mantém empregada.

Em relação às variáveis sociais, *a gente* é mais favorecido pelas mulheres, com PR 0,72, do que os homens, bem como é mais favorecido (591/1008) na faixa II (50 a 65 anos), com PR 0,55, do que na fala de pessoas mais jovens, faixa etária I (18 a 30 anos), com (417/1008) realizações e PR. 0,43. No que se refere à escolaridade, em uma rodada específica com os dados de São Luís, as autoras constataram que a maior frequência de uso de *a gente* foi dos falantes com até nível superior, com PR 0,67, diferente dos falantes com o ensino fundamental, que apresentaram o PR 0,26.

Fonseca e Lopes (2020), no estudo *A variação do sujeito nós e a gente no português falado em Alagoinhas, Bahia*, analisaram uma amostra composta por 4 informantes de Alagoinhas, do acervo ALiB. Após analisar a amostra, as autoras encontraram 170 realizações de *nós* e *a gente*: 43 correspondem ao pronome *nós* e 127 ao pronome *a gente*, que representam percentuais de 25,3% para o pronome *nós* versus 74,7% para o pronome *a gente*. Para que pudessem analisar o comportamento do fenômeno em estudo, as autoras consideraram somente as variáveis sociais sexo e idade, mas, após a análise, somente a variável sexo foi considerada como significativa.

Na variável sexo, as autoras verificaram que há uma maior preferência da forma pronominal *nós* pelos homens, com frequência de (37,5%) e peso relativo de 0.652, enquanto no discurso das mulheres, a frequência é menor (17,9%) e peso relativo de 0.406, desse modo, as autoras constataram que, no discurso das mulheres, há um desfavorecimento de *nós*.

Nascimento (2013), no estudo *Nós e a gente em Salvador: confronto entre duas décadas*, selecionou 24 informantes de acordo com o sexo e a faixa etária, sendo 12 informantes da década de 70 e 12 informantes da década de 90. Ao analisar os dados do Projeto NURC-SSA, a autora constatou que das 554 realizações foram 287 (51,80%) de *nós*, sendo explícito ou não, e 267 (48,20%) de *a gente*, explícito ou não. No estudo, os condicionantes linguísticos selecionados como relevantes estatisticamente foram: preenchimento do sujeito, nível de referencialidade, polaridade da frase, gênero e faixa etária.

Na primeira variável selecionada, preenchimento do sujeito, a autora constatou que das 554 realizações, 439 são de sujeito explícito (40%), com PR. 0,33, e 115 de sujeito implícito ou nulo (93%), com PR. 0,93, mostrando que há um desfavorecimento ao uso de *nós* no sujeito explícito. Nascimento (2013) explica que esse resultado pode ser relacionado à flexão do verbo, pois, nesse caso, a elipse de *nós* não deixa dúvida quanto ao sujeito, assim, o uso implícito mostra favorecimento ao pronome padrão *nós*.

No que se refere ao nível de referencialidade, a autora constatou que das 287 ocorrências de *nós*, 230 são mais específicas, com PR. 0,55, 2 são de referência ao próprio falante, com PR. 0,36 e 55 configuram a indeterminação universal, com PR. 0,24. De acordo com Nascimento (2013), os resultados do uso de pronome *nós* segundo o nível de referencialidade “está presente em situações que remetem a coletividade e *a gente* está nos contextos de maior indeterminação, estando também bem presente no contexto de referência específica e no contexto de referência centrada no próprio falante” (p.58).

Com relação à polaridade da frase, segundo a autora, embora existam outras categorizações de frases, em seu estudo só houve ocorrências de duas categorias. Assim, o uso de *nós*, no *corpus* do Projeto NURC-SSA, foi constatado um percentual de (55%) para a categoria Negativa, com PR. de 0,58, e a Afirmativa (50%), com PR. 0,47.

Em relação às variáveis sociais, a autora verificou que, no grupo de fatores gênero, o uso de *nós* é mais recorrente nos homens, com peso relativo de 0,60. Já as mulheres apresentam uma maior incidência do uso de *a gente*. Na faixa etária, há uma predominância da forma pronominal padrão *nós* na faixa 3, com percentual de (76%) e peso relativo de 0,69, e a faixa etária 1 apresenta um percentual de (27%) *nós* e peso relativo de 0,31, revelando que quanto mais jovem, maior é o uso da variante *a gente*.

Silva (2020) analisou a variação pronominal *nós* e *a gente* na fala de Fortaleza, para tanto, utilizou uma amostra composta por 16 informantes. Os resultados gerais indicam que a

forma *a gente* (69,4%) é mais utilizada do que o pronome *nós* (30,6%) na fala fortalezense. Após a rodada estatística dos dados, dois grupos de fatores linguísticos foram significativos para o fenômeno em estudo, a determinação do referente e paralelismo formal.

Na determinação do referente, a autora constatou que, das 288 ocorrências, 200 foram para a variante *a gente*, revelando que há maior uso de *a gente* no contexto de referência ao próprio falante, com traço [+/- específico] e indicando a primeira pessoa do discurso [eu], com PR 0,862. Os resultados em pesos relativos, dos fatores indeterminação universal (0,574) associados aos do fator indeterminação circunscrita (0,323), ambos de caráter genérico e com [- específico], permitiram constatar que a referência genérica favorece o uso de *a gente*. Assim, a autora mostra que o resultado de seu estudo corrobora com o que já foi atestado nos resultados de outros estudos, como os de como os de Omena (1996), Lopes (1998), Tamanine (2002).

Na análise da variável paralelismo formal, a autora constatou que, na atuação do paralelismo formal sobre o uso da variante *a gente*, o fator que mais favoreceu o uso de *a gente* foi a referência anterior *a gente*, independente do referente, com percentual de 85,7% e PR. de 0,715. A autora mostra que o resultado do paralelismo corrobora com o resultado de Omena (1996), em que há mais probabilidade de se usar *a gente*, ao invés de *nós*, quando o antecedente formal for *a gente* e a referência for igual à anterior.

Souza (2020) analisou a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas/Água Branca-AL, com o intuito de observar de que maneira essa variação ocorre nessa comunidade. O *corpus* de seu estudo é constituído por 20 informantes não escolarizados. Após a análise dos dados, a autora constatou que a variante *a gente* tem predominância em relação à aplicação da variante *nós*, com percentuais de (56%) e (44%).

Para que pudesse analisar a variação em estudo na posição de sujeito, a autora selecionou as seguintes variáveis linguísticas: paralelismo formal, preenchimento do sujeito, marca morfêmica, saliência fônica, tempo verbal e determinação do referente, bem como as variáveis sociais: faixa etária e sexo/gênero. Mas, foram consideradas somente seis variáveis como significativas para o estudo, a saber, paralelismo formal, marca morfêmica, faixa etária, sexo/gênero, preenchimento do sujeito e determinação do referente.

Na primeira variável selecionada, paralelismo formal, Souza (2020) constatou que, na comunidade quilombola, a aplicação da variante *a gente* foi maior quando antecedida por *a gente* 127/141, com percentual de (90%) e peso relativo 0,84. Após o fator antecedido por *a gente*, outros fatores também foram significativos, como o fator realização isolada (48%) e pes

relativo 0,55 e o fator primeira da série, com um percentual de 60% de aplicação e peso relativo 0,54. A autora constatou que o fator que desfavorece a aplicação de *a gente* é a variante *nós* na anteposição de *a gente*, com peso relativo 0,06.

Com relação à variável marca morfêmica, a autora verificou que as ocorrências de *a gente* são favorecidas pela marca morfêmica de terceira pessoa do singular, com (63%) peso relativo 0,60 e desfavorecida pela aplicação de marca morfêmica de primeira pessoa do plural, com (11%) e peso relativo 0,07. A variante padrão *nós* é mais recorrente com a marca morfêmica de primeira pessoa do plural, com (89%) de aplicação e peso relativo 0,93. Desse modo, os resultados da autora comungam com os de Feitosa (2017), nos quais a variante inovadora tende a ocorrer com a marca morfêmica –zero, mostrando que variante *a gente* é aplicada com predominância com a marca morfêmica de terceira pessoa do singular.

Na variável faixa etária, a autora constatou que há maior uso de *a gente* (65%) na faixa etária I (25 a 50 anos), enquanto a faixa etária II (60 anos acima) o percentual é de (42%). Com intenção de checar a atuação da variável sexo/gênero, a autora realizou o cruzamento dessa variável com a faixa etária e verificou que a variante inovadora *a gente* é a forma preferida entre as mulheres e os homens da faixa etária I (25 a 50 anos), com percentuais de (62%) em ambos, já, na faixa etária II (60 anos acima), os homens usam mais a variante inovadora *a gente*, desse modo, a autora mostra que, em seu estudo, as mulheres da faixa etária II (60 anos acima) apresentam um comportamento mais conservador na comunidade.

Na variável preenchimento do sujeito, a autora observou que os falantes da comunidade quilombola Serra das Viúvas apresentam preferência pelo sujeito nulo quando fazem referência à variante *a gente* 67/89, com um percentual de (75%) e PR. 76. Mas Souza (2020) ressalta que, em todas as ocorrências de *a gente* com sujeito nulo, há uma primeira ocorrência do sujeito preenchido, conforme podemos observar nos exemplos (6) e (7).

(6) *A gente* butava rapadura Ø butava é andu e Ø butava o café e Ø torrava Ø pisava e Ø fazia o café L3F1F (SOUZA, 2020, p. 81).

(7) *A gente* saiu na sexta fêra Ø cheguemo no domingo nós cheguemo lá Ø durmimo Ø fumo pro outo lugá L5F1M (SOUZA, 2020, p. 81).

Com relação à aplicação da variante padrão *nós*, a autora constatou que quando os falantes optam pelo seu uso tendem a preferir o preenchimento do sujeito, com um percentual de 49% e peso relativo 0,57, conforme podemos observar nos exemplos (8) e (9):

(8) Em casa mermo *nós* era um bucado L10F2M (SOUZA, 2020, p. 82).

(9) *Nós* tinha que butá pra fera era assim L13F2F (SOUZA, 2020, p. 82).

Na última variável selecionada como significativa, a determinação do referente, que foi dividida em dois fatores, referente determinado e referente indeterminado, Souza (2020) observou que os informantes preferem utilizar *a gente* com o referente indeterminado, com um percentual de 95% e peso relativo 0,87. No que diz respeito ao uso da variante padrão *nós*, a autora constatou que é preferencialmente aplicada com o referente determinado, com um percentual de 46% e peso relativo 0,52. Com isso, a autora confirma a hipótese inicial de que o referente indeterminado favorecera aplicação da variante *a gente* na comunidade.

Vitório (2016), no estudo a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala de crianças maceioenses, recorreu ao banco de dados do Projeto LUAL e analisou uma amostra sincrônica composta da fala de 64 crianças. Após a análise dos dados, a autora verificou um percentual de 83% de *a gente* contra 17% de *nós*, sendo essa variação condicionada pelas variáveis marca morfêmica, paralelismo formal, preenchimento do sujeito e sexo.

Na primeira variável linguística selecionada como significativa, marca morfêmica, a autora verificou duas possibilidades de concordância verbal com as formas pronominais *nós* e *a gente*, *nós* e *a gente* + P3 (morfema zero) e *nós* e *a gente* + P4 (morfema –mos), conforme a autora apresenta nos exemplos expostos em (10) e (11) e (12) e (13):

(10) eu pego ela no braço aí fica – nós fica brincando de boneca – aí eu e meu irmão brinca de boneca lá em casa (C3L8L2162) (VITÓRIO, 2016, p.07).

(11) porque a gente joga pra fazer o gol (C1L8L1800) (VITÓRIO, 2016, p. 07).

(12) nós conversamos Ø lanchamos (C5L11L2682) (VITÓRIO, 2016, p.07).

(13) não – a gente assim aprende assim né como plantar esses negócio, mas Ø nunca plantamos (C2L5L505) (VITÓRIO, 2016, p.07).

Após a análise dos dados, a autora constatou que o uso de *a gente* é preferencial com o verbo na terceira pessoa do singular, com um percentual de 95% e PR 0,80 contra 4% e PR 0,01 com verbo na primeira pessoa do plural, com o morfema–mos favorecendo a realização da forma *nós*, com um percentual de 96% e PR 0,99. Em seu estudo, Vitório (2016) confirma a tendência dos estudos linguísticos de que a marca morfêmica dos verbos que acompanham os pronomes *nós* e *a gente* atesta a predominância de *nós* + verbo na 1ª pessoa do plural e *a gente* + verbo na 3ª pessoa do singular, como também a possibilidade de realização de *nós* + verbo na 3ª pessoa do singular e *a gente* + verbo na 1ª pessoa do plural.

Com relação à segunda variável selecionada, paralelismo formal, a autora verificou que tanto para o pronome *nós* quanto para o pronome *a gente*, a escolha da primeira forma pronominal condiciona a realização subsequente, confirmando a hipótese de que a preferência por determinada forma pronominal exerce influência sobre as demais formas numa dada sequência discursiva. A autora constatou um percentual de 99% para o fator antecedido por *a gente* e um peso relativo de 0,91, mostrando que as crianças, ao utilizarem *a gente*, tendem a repeti-la na mesma sequência discursiva. Nos fatores realização isolada e primeiro da série, a autora também verificou que são contextos que tendem a desfavorecer o uso de *a gente*. No fator realização isolada, foi obtido um percentual de 68% e um peso relativo de 0,13, e, no fator primeiro da série, um percentual de 85% e um peso relativo de 0,28.

Na última variável linguística selecionada, preenchimento do sujeito, a autora verificou que a variante *a gente* é mais frequente quando o sujeito pronominal é realizado foneticamente, com percentuais de 95% e peso relativo 0,71 contra 61% e peso relativo 0,17 para a expressão nula, assim, os dados da pesquisa da autora mostram que o pronome inovador *a gente* tem maior probabilidade de ocorrer quando foneticamente realizado.

Na análise da variável sexo, a autora verificou que *a gente* apresenta um percentual maior de realização entre as crianças do sexo feminino, com um percentual de 87% e peso relativo de 0,57 versus 77% e peso relativo de 0,40 para as crianças do sexo masculino, confirmando a hipótese inicial de que as meninas tendem a favorecer o uso de *a gente*.

Com isso, os resultados permitiram que a autora constatasse que *a gente* é a forma pronominal preferida para representar a primeira pessoa do plural, o que confirma a hipótese inicial do trabalho e vai ao encontro das pesquisas sociolinguísticas, mostrando que a fala das crianças opera de acordo com o que está descrito para a fala de adultos.

Ao analisar a realização dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL em uma amostra composta por 72 entrevistas de falantes maceioenses, Vitória (2017) observou uma distribuição de 100 realizações do pronome *nós* e 524 realizações do pronome *a gente*, apresentando percentuais de 16% de *nós* contra 84% de *a gente*. Os dados da autora mostraram que, na posição de sujeito, *a gente* é a variante selecionada, sendo favorecida nos contextos morfema zero, *a gente* antecedido por *a gente*, falantes menos escolarizados e mais falantes mais novos.

Na análise da variável marca morfêmica, a autora constatou que o fator morfema zero favorece o uso de *a gente*, com um percentual de 99% e peso relativo 0,81 contra 24% e peso

relativo de 0,03 para o morfema -mos, confirmando a hipótese de que *a gente* é preferencial com o verbo na terceira pessoa do singular.

No diz respeito ao paralelismo formal, Vitório (2017) verificou um percentual de 97% e um peso relativo de 0,82 para o fator antecedido por *a gente*, mostrando que os falantes, ao utilizarem a variante *a gente*, tendem a repeti-la escolha na mesma sequência.

Na variável preenchimento do sujeito, o fator que mais favoreceu a variante inovadora *a gente* foi o sujeito preenchido, apresentando um percentual de 88% e peso relativo 0,79 para o fator expressão plena *versus* 68% e peso relativo 0,41 para o fator expressão nula. Diante dos resultados, Vitório (2017) confirma que a variante *a gente* é mais frequente quando o sujeito pronominal é realizado foneticamente.

No que se refere às variáveis escolarização e faixa etária, a autora observou que quanto maior o nível de escolarização menor o uso da variante inovadora *a gente*, assim, os falantes do ensino fundamental favorecem mais a realização de *a gente*, com PR. de 0,71, e, são os informantes das faixa etária 1 (15-29 anos) e faixa etária 2 (30-44 anos) que favorecem mais o uso da variante inovadora, com pesos relativos de 0,83 e 0,57, já os falantes da faixa etária 3 (acima de 44 anos) desfavorecerem o uso dessa variante, com um peso relativo de 0,22.

Ao analisar a variação *nós e a gente* na posição de sujeito na fala culta maceioense, a partir de uma amostra composta por 24 entrevistas, Vitório (2019), após análise e rodada dos dados, computou 319 realizações, sendo 65 realizações do pronome *nós* e 254 realizações do pronome *a gente*, representando percentuais de 20% de *nós* contra 80% de *a gente*. Esse dado revela que *a gente* é variante preferida, sendo essa variação condicionada pelas variáveis paralelismo formal, preenchimento do sujeito e faixa etária.

Na variável paralelismo formal, Vitório (2019) verificou que a escolha da primeira forma pronominal *nós* ou *a gente* tende a condicionar as escolhas subsequentes, desencadeando uma série de repetições. A autora confirma a hipótese inicial de que a preferência por determinada forma pronominal tende a exercer influência sobre as demais formas numa dada sequência discursiva. A variante *a gente* foi mais frequente no fator antecedido por *a gente*, com percentual de 94% e um peso relativo de 0,73, revelando que “esses dados confirmam que tal fator constitui um contexto linguístico que condiciona sobremaneira o uso da variante inovadora na fala culta maceioense” (p.7)

Quanto à variável preenchimento do sujeito, a variante *a gente* tende a ser mais frequente quando o sujeito pronominal é realizado foneticamente, apresentando percentuais 84% e peso relativo de 0,60 contra 59% e peso relativo de 0,12 para a expressão nula, mostrando que o pronome *a gente* tende a ser desfavorecido na expressão nula. A autora ainda ressalta que os resultados do seu estudo corroboram os estudos linguísticos que mostram que, no português brasileiro, o pronome *a gente* tende a ser mais frequente quando foneticamente realizado (LOPES, 1998; FERNANDES, 2007; SANTOS, 2014; VITÓRIO, 2015).

2.3.1.2 Centro-oeste

No estudo Uso variável de *nós e a gente* na fala e escrita de pessoas do Distrito Federal, Carvalho (2015) analisou uma amostra composta por 40 informantes e constatou que a variante *a gente* apresenta maior realizações nas entrevistas orais, com 228 ocorrências contra 62 ocorrências do pronome *nós*, correspondendo a um percentual de 13,21% para o pronome padrão *nós versus* 48,61% para a forma inovadora *a gente*. Para saber como o fenômeno em estudo se comporta na fala dos moradores do Distrito Federal, foi analisado as variáveis linguísticas marca morfêmica, preenchimento do sujeito, paralelismo formal e posição sintática, e as variáveis extralinguísticas gênero, faixa etária e classe social.

Na variável marca morfêmica, a autora constatou as duas possibilidades de concordância verbal, com mais ocorrência para *nós + -mos*, com percentual de 15,70%, e *a gente + Ø*, com percentual de 26,44%. No fator preenchimento de sujeito, a autora observou que, na fala, para o fator *sujeito explícito*, o pronome padrão *nós* apresenta 17 ocorrências contra 31 ocorrências da variante *a gente*, no fator *sujeito nulo*, o pronome padrão *nós* apresenta 12 ocorrências contra 15 ocorrências do pronome variante *a gente*.

Na variável paralelismo formal sujeito-objeto, a autora constatou que, na fala, há um número de ocorrências maior nas formas *nós + se* com 3 ocorrências, e *a gente + se* com 5 ocorrências. Já na posição sintática, a autora verificou que, na fala, em posição de sujeito, o pronome *nós* apresenta 60 ocorrências contra 213 de *a gente*, assim, esses dados mostram que, na fala, a forma inovadora é a mais utilizada pelos informantes.

Com relação ao fator gênero, autora discorre que foram realizadas entrevistas orais com quarenta informantes, sendo 30 mulheres e apenas 10 homens. Devido ao número discrepante, os dados foram apresentados em forma de porcentagem de uso. Na fala, as mulheres apresentam um percentual de 77,58% de realização da forma *a gente* contra 68,75%

dos homens, mostrando que o maior índice de ocorrências da forma inovadora aparece em indivíduos do gênero feminino, ou seja, as mulheres são mais inovadoras.

Na análise da variável faixa etária, foi constatado que há maior índice de uso de *a gente* na fala dos adultos e dos idosos, adultos com 81,39% e idosos com 73,68%, e, na variável classe social, a autora considerou dois grupos, a saber, grupo A, composto de indivíduos de classe média-alta, grupo B, composto de indivíduos de classe média-baixa. O grupo A apresentou um percentual de 71,92% de ocorrências da forma inovadora *a gente* em registro oral, enquanto o Grupo B apresentou somente 28,08%.

Diante dos resultados obtidos, a autora constatou que, na fala dos indivíduos do Distrito Federal, a forma pronominal *a gente* é mais utilizada.

Lima (2017), ao analisar a variação do uso de “*nós*” e “*a gente*” na cidade de Luziânia – GO, descreve o uso dessas variantes na posição de sujeito e complemento. Para tal, controlou as variáveis sexo, faixa etária, escolaridade e posição sintática. Após a análise, somente as variáveis faixa etária, escolarização e posição sintática foram significativas.

A autora dividiu a variável faixa etária em dois níveis: até 30 anos e de 31 até 55 anos e observou que os informantes da faixa etária de 31 a 55 anos fazem maior uso da variante *a gente* com 74%. Com relação à escolarização, Lima (2017) constatou que os informantes que possuem fundamental incompleto usam mais a forma inovadora *a gente*, com percentual de 83% e os do ensino médio a superior apresenta percentual de 59%.

Na análise da variável contexto sintático, a autora verificou uma diferença não tão expressiva com relação à posição de sujeito, assim, os resultados apresentam um percentual 58% de uso da variante *a gente* contra 42% do pronome *nós*.

2.3.1.3 Sul

Deon *et al* (2016), no trabalho Variação pronominal *nós/a gente* em Guarapuava, Paraná: O papel dos fatores linguísticos, analisaram uma amostra composta por 24 entrevistas, coletadas nos anos 2014 e 2015 e pertencentes ao Projeto VARLINGUA, com o intuito de checarem a influência dos fatores linguísticos no uso de *nós/a gente* na posição de sujeito. Para tanto, os autores consideraram as variáveis determinação do referente, presença/ausência do pronome, tipo de texto, tempo verbal, concordância verbal e tonicidade.

Com relação à primeira variável significativa, tonicidade, os resultados mostram que a variante *a gente* foi favorecida nos fatores monossílabos tônicos e oxítonos, com pesos relativos de 0,95 e 0,92, respectivamente.

Na variável tempo verbal, os autores constataram que os tempos verbais que favoreceram o uso de *a gente* são presente do indicativo – 0,64, presente do subjuntivo – 0,62 e pretérito imperfeito – 0,58. Os autores ainda fazem um cruzamento das variáveis tempo verbal e determinação do referente e constataram que, no presente do indicativo, a distribuição entre *nós* e *a gente* em contextos de determinação foi de 67% para *a gente* e 33% para o pronome *nós*. No fator indeterminação, também foi constatado que o pronome *a gente* também predominou, com um percentual de uso ainda mais elevado – 89%.

Com relação à presença/ausência do pronome, os autores mostram que o pronome *a gente* foi mais utilizado pelos falantes de maneira expressa, presença do pronome, com peso relativo de 0,58, já a ausência do pronome predomina quando o sujeito é o pronome padrão *nós*, com peso relativo de 0,79.

Na variável tipo de texto, os autores mostram que o uso da variante *a gente* foi favorecido nos textos argumentativos, com peso relativo de 0,65, os textos descritivos favoreceram a forma pronominal padrão *nós*, com 0,69, e os textos narrativos apresentaram um leve predomínio da forma canônica *nós* 0,53. Assim, os autores argumentam que, com um resultado próximo do ponto neutro, os pronomes *nós* e *a gente*, no fator narração, foram empregados praticamente na mesma proporção.

Spessato (2010), ao analisar *nós e a gente* sujeito na fala da população da Costa da Lagoa, comunidade da ilha de Florianópolis-SC, utilizou uma amostra composta por 6 informantes, com o objetivo verificar a interferências de fatores sociais no emprego da forma inovadora e averiguar quais são os contextos que mais favorecem o uso de *a gente*. Após a análise, a autora constatou um percentual de 72% de *a gente* contra 27% de *nós*.

Com o intuito de analisar a interferência de variáveis sociais, a autora controlou a escolaridade, faixa-etária e indivíduo, e os condicionadores linguísticos preenchimento do sujeito, concordância verbal, saliência fônica e paralelismo formal, mas, após a análise, só se mostraram significativas as variáveis paralelismo formal e concordância verbal.

No que se refere ao fator faixa etária, a autora controlou dois níveis, informantes de 15 a 35 anos e informantes acima de 46 e constatou que a realização da variante não padrão *a gente*

na faixa etária mais alta (acima de 46 anos) é superior à da faixa etária mais baixa (15 a 35 anos), mas, em um percentual não muito significativo – 70% para os informantes de 15 a 35 anos e 74% para os informantes acima de 46.

Com relação à escolaridade, os dados do estudo mostram que, em Costa da Lagoa, as diferenças percentuais em relação ao fator escolaridade são bastante significativas, os sujeitos mais escolarizados apresentam maior preferência pela forma não padrão *a gente*, com percentuais de 82% contra 61% entre os menos escolarizados.

No fator indivíduo, a autora constatou que os resultados do seu estudo contrariam a hipótese inicial de que os falantes mais jovens empregariam mais a forma inovadora.

Na variável linguística paralelismo formal, a autora constatou que tanto o pronome *a gente* como o pronome *nós* levam sistematicamente a novas produções com forma explícita ou apagada, conforme a autora apresenta nos exemplos (14) e (15):

(14) *A gente corria, Ø sentava em cima de uma pedra, Ø chupava cana* (Informante 1) (SPESSATO, 2010, p. 10).

(15) *Nós fazia polvilho, com o meu pai, nós fazia, nós secava o polvilho pra nós fazer broa tudo lá no engenho do meu avô.* (Informante 2) (SPESSATO, 2010, p.10).

Com relação às orações absolutas, o estudo mostra que há um percentual 70% do pronome *a gente* e 29% do pronome padrão *nós*, como podemos observar em (16) e (17).

(16) *A gente começou a fazer comida, um camarão frito.* (Informante 2) (SPESSATO, 2010, p. 10).

(17) *Na verdade, nós temos uma pousada, né?* (Informante 3) (SPESSATO, 2010, p.10).

Na variável concordância verbal, a autora constatou que há uso categórico de concordância verbal canônica com o sujeito *a gente*, conforme (18):

(18) *A gente sabe se vai chover pelo céu, né?* (Informante 5). (SPESSATO, 2010, p.10).

Diante dos estudos apresentados, percebemos que a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito tem despertado o interesse de pesquisadores sociolinguistas em diferentes regiões do País. As pesquisas têm mostrado que, diferentemente do que os manuais gramaticais tradicionais apresentam, ou seja, não consideram a variante *a gente* como forma de representação do pronome de primeira pessoa plural, *a gente* é a forma linguística amplamente utilizada na fala dos brasileiros e condicionada por fatores linguísticos e sociais

De forma geral, os estudos sociolinguísticos apresentam que há variação *nós e a gente*, e que há maior predominância da forma inovadora. Entretanto, verificamos, que há poucas pesquisas a respeito do fenômeno analisado em diversos estados do país, entre eles, o estado de Alagoas (VITÓRIO, 2016; VITÓRIO, 2017; VITÓRIO, 2019), assim, percebemos que há muito o que ser explorado, pois há muitas localidades que ainda não foram estudadas, principalmente localidades rurais localizadas no estado alagoano.

Diante da necessidade de investigar esse fenômeno linguístico variável comunidades rurais, o exposto acima nos motiva a desenvolver um estudo sociolinguístico sobre a variação *nós e a gente* na posição de sujeito, de modo a analisar como essas variantes se comportam na comunidade de rural de Pariconha-AL, com o objetivo de observar se o comportamento dessas variantes se mantém iguais ou diferem dos estudos apresentados nesta seção, e, assim, entender como ela está encaixada na comunidade de fala.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que embasam o nosso estudo. Para tanto, iniciamos com uma breve abordagem a respeito da delimitação dos estudos da linguagem, em seguida apresentamos a Teoria da Variação e Mudança, expondo alguns conceitos importantes. Posteriormente, apresentamos os objetivos e hipóteses que norteiam o nosso estudo, em seguida, discorremos sobre os procedimentos metodológicos adotados em nossa pesquisa, como também as variáveis selecionadas e, por fim, discorremos a respeito do programa computacional R (R CORE TEAM, 2018) e da análise estatística.

3.1 Teoria da variação e mudança

As reflexões a respeito dos estudos da linguagem humana já ocorriam desde a antiguidade e eram realizadas de acordo com a necessidade de cada povo e de cada cultura, assim, ao longo da história, as primeiras manifestações de estudo da língua datam o século IV a.C com os povos Hindus, sendo motivados por questões religiosas. Em seguida, os gregos e romanos, baseando-se em uma perceptiva de origens filosóficas, focalizam, sobretudo, no caráter normativo e prescritivo, com o estudo do certo e errado (CAMARA Jr., 2011).

Posteriormente, houve um período em que foi descoberto que as línguas podiam ser comparadas, esse período data o início do século XIX. Ao comparar as relações que unem o sânscrito ao grego, germânico e latim, Franz Bopp compreende e chega à conclusão de que essa relação entre as línguas podia tornar-se matéria duma ciência autônoma, explicando uma língua e suas formas por meio de outra, o que até o momento não havia sido realizado.

Por meio dessa espécie de sistematização, surgiu a descoberta do parentesco entre as línguas, resultando na importante façanha dos estudos linguísticos do século XIX, que foi o desenvolvimento da Linguística Comparatista. O método comparativo “resultou num conjunto de princípios pelos quais as línguas poderiam ser sistematicamente comparadas no tocante a seus sistemas fonéticos, estrutura gramatical e vocabulário, de modo a demonstrar que era “genealógicamente” aparentadas” (WEEDWOOD 2002, p. 103).

Logo após a esse período, formou-se o movimento neogramáticos, que não via a língua como um organismo que se desenvolvia por si só, mas, como um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos. Compreendendo que as ideias da gramática comparada eram insuficientes, os estudiosos formularam uma nova teoria, com intuito de entender a língua em processo. Robins (1979) explana que “as repercussões desse pensamento são múltiplas, poi

deu novo impulso à ciência linguística e provocou reação imediata dos estudiosos da época e também a reação de estudiosos de épocas posteriores” (p.150).

O século XIX é marcado como um divisor de águas na história da linguística, porém, o estudo da linguagem só veio a tomar destaque científico no século XX, com a publicação do Curso de Linguística Geral (CLG), de Ferdinand Saussure. A partir do CLG, Saussure inaugura a linguística moderna, na qual a língua é entendida como um sistema homogêneo e autônomo. O modelo de estudo apresentado pelo linguista teve um papel transformador no campo de estudo da linguagem, uma vez que buscou um novo objeto de estudo e deu uma nova ordem ao modo de abordar os fatos linguísticos.

Saussure, ao propor o estudo científico da língua, postula algumas dicotomias e isola o que, para ele, seria interesse da ciência. De acordo com Pietroforte (2012), as dicotomias são entendidas como pares de conceitos, “que são definidos um em relação ao outro, de modo que um só faz sentido em relação ao outro” (p.78), dessa forma, os quatro pares de conceitos, presentes no CLG, são língua e fala, sincronia e diacronia, significado e significante, sintagma e paradigma. Contudo, considerando nosso objeto de estudo, iremos nos deter apenas em duas dicotomias, a saber, língua e fala, sincronia e diacronia.

Saussure entende a linguagem como o modo pelo qual o ser humano consegue comunicar-se com os seus semelhantes e, para ele, o estudo da linguagem comporta duas partes, uma, que se torna essencial, e tem por objeto a língua e, a outra, secundária, a fala, essas, por sua vez, se associam em um único fenômeno, a linguagem. Assim, no CLG, a linguagem se apresenta com características, física, psíquica e fisiológica.

Para o linguista, a língua é homogênea e sistematizável, possui uma natureza social, sendo independente do indivíduo, já a fala é constituída de heterogeneidade, variável, um ato individual. De acordo com Saussure do CLG, a fala não podia ser o objeto de estudo, uma vez que era difícil de ser sistematizada, dessa maneira, por ser homogênea e sistematizável, a língua é definida como objeto de estudo da linguística.

Um outro ponto importante para o linguista foi definir o método de estudo da linguística no estudo da linguagem. Saussure propõe duas metodologias de trabalho, dividido em dois campos de estudos, a sincronia e diacronia, e destaca que:

[...] cada língua constitui praticamente uma unidade de estudo e nos obriga, pela força das coisas, a considerá-la ora estática ora historicamente. Apesar de tudo, não se deve esquecer que, em teoria, tal unidade é superficial, ao passo que a disparidade dos idiomas oculta uma unidade profunda. Ainda que no estudo de uma língua a observação se aplique ora a um aspecto ora a outro, é absolutamente necessário situar cada fato em sua esfera e não confundir os métodos. (SAUSSURE, 2012, p. 142)

Saussure ressalta que as duas partes da linguística se tornam sucessivamente o objeto do estudo, uma vez que “a linguística sincrônica, se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e formam sistemas, tais como são percebidas pela consciência lógica”, e a linguística diacrônica tratará das “relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistemas entre si” (2012, p.142). Saussure elege a perspectiva sincrônica e argumenta que:

[...] no estudo sincrônico, um determinado estado da língua é isolado de suas mudanças através do tempo e passa a ser estudado como um sistema de elementos linguísticos. Esses elementos são estudados não mais em suas mudanças históricas, mas nas relações que eles contraem, ao mesmo tempo, uns com os outros. (PIETROFORTE, 2012, p. 79).

Nessa perspectiva sincrônica, Saussure separa a língua dos fatores sociais, considerando-a homogênea, estática, de maneira que pode ser estudada sem levar em conta as situações externas. Mesmo a língua sendo estudada de forma isolada, sem levar em consideração os fatores externos, no século XIX, já se reconhecia a existência das mudanças e variações presentes na língua. Mas as questões referentes às variações estariam envolvidas na fala, que, naquele primeiro momento de delimitação da linguística, não era o objeto do estudo.

Com isso, o linguista abriu caminhos para outros estudos da linguagem. E, assim, surgiram outros estudos de cunho formalista, nos quais, também, consideram a língua como uma realidade abstrata, isolada de fatores históricos, culturais e sociais, como as diferentes vertentes do estruturalismo (europeu e americano) e o gerativismo.

Contrapondo ao modelo de língua como um sistema homogêneo, surge, na década de 1960, a Sociolinguística, tendo como precursor o linguista estadunidense William Labov. Essa nova área de estudos da linguística tinha uma estreita relação com outras áreas do saber, como a antropologia, sociologia e a geografia, possuindo uma origem interdisciplinar e apresentando várias vertentes. Contudo, para esta pesquisa, nos deteremos na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), que aborda as questões de variações e mudanças linguísticas

Labov (2008) propõe um novo olhar sobre a estrutura da língua, especialmente, sobre as questões relacionadas à variação e à mudança linguística, considerando a língua como sistema heterogêneo. O linguista sugere um modelo de descrição e interpretação dos fenômenos linguísticos enfocando o estudo da língua no contexto social, usada nas interações sociais. Nessa perspectiva, é rompida a ideia de língua como um sistema homogêneo, passando a língua a ser vista como um sistema heterogêneo e ordenado, passível de variação e mudança.

Considerando a língua como um sistema heterogêneo, Coelho *et al* (2010) explicam que por mais que se possa pensar que a heterogeneidade é a ausência de regras, ela não é, pois é dotada de heterogeneidade estruturada. A língua, enquanto um sistema homogêneo, contém somente regras categóricas, invariantes, ou obrigatórias, e aplica-se da mesma maneira para todos, mas, como um sistema heterogêneo, comporta, ao lado das regras categóricas, do mesmo modo, regras variáveis. Nesse contexto, Coelho *et al* (2010) pontuam que:

A noção de regra variável implica que não existe variação livre (como se vê numa abordagem estruturalista). Uma regra variável relaciona duas ou mais formas linguísticas de modo que, quando a regra se aplica, ocorre uma das formas e, quando não se aplica, ocorre(m) a(s) outra(s) forma(s). A aplicação ou não das regras variáveis é condicionada por fatores do contexto social e/ou linguístico (p.24).

Coelho *et al* (2010) também argumentam que as variações linguísticas são inerentes as línguas, elas existem, e se caracterizam pelo processo no qual duas ou mais formas coexistem num mesmo contexto com o mesmo significado, e que a escolha por determinada regra variável é condicionada por fatores tanto linguísticos como sociais. Desse modo, para que as variantes linguísticas sejam intercambiáveis em uma mesma situação comunicativa, elas precisam ser aceitáveis no mesmo contexto linguístico e manter o mesmo significado referencial.

Para melhor explicar essa heterogeneidade linguística ordenada, pensemos em um fenômeno variável no português brasileiro, que é bastante perceptível no dia a dia: a alternância pronominal para representação da primeira pessoa do plural na posição de sujeito, que tem como variantes linguísticas: o pronome padrão *nós* e o pronome não padrão *a gente*.

Essas variantes linguísticas, de acordo com Mollica (2010), são também caracterizadas como variável dependente por não serem empregadas aleatoriamente, mas influenciadas por grupos de fatores ou variáveis independentes. As variáveis independentes apresentam natureza tanto interna como externa à língua, podendo exercer influência sobre os usos, diminuindo ou aumentando a frequência de ocorrências de um dado fenômeno linguístico em variação.

Isso significa considerar que as variações linguísticas não acontecem de forma aleatória, nem de forma desordenada e irregular, mas sim de forma ordenada e sistematizada, condicionadas por fatores internos e externos à língua. Assim, os condicionadores linguísticos situam-se em diferentes níveis linguísticos, a saber, morfológico, morfossintático, sintático, lexical, fonológico e discursivo, os condicionadores extralinguísticos, por sua vez, dizem respeito às estratificações sociais, a saber, faixa etária, escolaridade e sexo/gênero, sendo estes essenciais para uma análise a respeito de determinada variação linguística.

As formas em variação que estão em concorrência na língua, conforme Coelho *et al* (2010), costumam receber diferentes significados nas comunidades, sendo ou não consideradas de prestígio social. Caracterizam-se como variante padrão ou não padrão, de prestígio ou estigmatizada, conservadora ou inovadora. Tarallo (2007) pontua que, em geral, a variante considerada padrão é, também, conservadora e desfruta de prestígio social na comunidade, por outro lado, as variantes inovadoras quase sempre são não padrão e estigmatizadas.

Weinreich, Labov e Herzog (2006) destacam que o fato de existirem duas ou mais variantes numa língua em concorrência, não quer dizer que necessariamente ocorrerá uma mudança, mas o processo de mudança linguística pressupõe variação. A teoria da variação e mudança propõe duas abordagens necessárias para que se possa analisar os fenômenos de variação e mudança linguística, a saber, tempo aparente e tempo real.

O estudo em tempo aparente relaciona-se ao eixo sincrônica da língua. Por meio dessa abordagem, é possível analisar a mudança linguística através do comportamento de determinado fenômeno variável nas diferentes faixas etárias, observando se determinada variável se encontra em processo de variação estável ou mudança em curso.

No estudo em tempo real, é analisado o comportamento linguístico dos falantes em períodos de tempos diferentes. Segundo Labov (1994), esse estudo pode ser realizado por duas perspectivas, a saber, estudo de tendência e o estudo de painel. No primeiro, o pesquisador retorna a mesma comunidade após um determinado tempo para realizar um novo estudo, com informantes diferentes e usando a mesma metodologia; no segundo, é necessário que o pesquisador volte a mesma comunidade e realize um novo estudo com os mesmos informantes.

De acordo Coelho *et al* (2010), para que se possa encontrar respostas plausíveis a respeito da mudança linguística, faz-se necessário levar em consideração dados empíricos, e para isso, Weinreich, Labov e Herzog (2006) apresentam cinco problemas que são importante

para investigar o processo de uma mudança, a saber, os problemas condicionantes, de transição, de encaixamento, de avaliação e de implementação.

Com relação ao problema dos fatores condicionantes ou de restrição, os estudos têm mostrado que esse problema busca investigar a forma como as mudanças acontecem, as motivações que favorecem ou desfavorecem as ocorrências de alguma mudança na língua. Coelho *et al* (2010) explanam que “o estudo desses condicionadores é importante no sentido de confirmar que a variação é inerente ao sistema linguístico, uma vez que o sistema linguístico é heterogêneo” (p.96).

No que diz respeito ao problema de transição, busca-se compreender como as mudanças na língua passam de um estágio para outro. Faraco (2005) argumenta que as mudanças na língua são resultado de um processo histórico, elas estão sempre ocorrendo, ainda que sejam imperceptíveis aos falantes, assim, o que deve ficar claro é que “se, de um lado, a mudança linguística é contínua como estamos discutindo, ela é, por outro lado, lenta e gradual, isto é, a mudança nunca se dá abruptamente” (p.46). Dessa forma, a mudança acontece de forma lenta e gradual, atingindo partes da língua e nunca o seu conjunto.

O problema de encaixamento mostra como a variação/mudança está encaixada na estrutura linguística e na estrutura social. A correlação das estruturas linguísticas e sociais faz-se necessário para que se possa ter uma visão geral de como a mudança está condicionada no sistema linguístico. Coelho *et al* (2010, p. 99) complementam: “o encaixamento pode ser observado quando estudos atestam uma correlação entre o fenômeno de mudança e a estrutura social”. Os autores também pontuam que a tarefa do linguista não seria somente apresentar a motivação social de uma mudança, porém, determinar o grau de correlação que existe entre a estrutura linguística e a sociedade, apresentando como ela pesa sobre o sistema linguístico.

O problema de avaliação busca investigar como as mudanças são avaliadas pelos membros de suas comunidades e seus efeitos sobre a estrutura linguística. Dessa maneira, Coelho *et al* (2010) pontuam que existe um reconhecimento social em relação às formas “que estão em variação e mudança que pode ser medido pelas reações negativas ou positivas dos falantes” (p.104). Os autores mostram que essas reações em relação à avaliação de determinada variação podem ser observadas por meio de teste de atitude/avaliação, por meio de respostas a diferentes usos linguísticos na comunidade em que estão inseridos.

É possível observar uma correlação entre o uso e o valor social, assim, a variante de maior prestígio social, geralmente, diz respeito ao estilo de fala mais formal, e as variantes de menos prestígio social estão relacionadas ao estilo de fala mais informal. As reações negativas em relação à determinada variante podem retardar o processo de uma mudança, isso implica dizer que os falantes de determinada comunidade ao fazerem determinada avaliação podem acelerar ou até mesmo impedir uma mudança linguística em uma comunidade.

No problema de implementação, por sua vez, busca-se investigar como se dá a implementação da mudança e porque ela acontece em alguns contextos linguísticos e não em outros. Dessa forma, os condicionadores linguísticos e sociais nos permitem explicar esse processo, pois à medida que identificamos como os condicionadores agem sobre a mudança linguística, é possível explicar como vai acontecendo a implementação.

Dessa maneira, entendemos que a variação e mudança linguística são inerentes ao sistema, elas existem e são condicionadas por fatores linguísticos e sociais, porém, é preciso frisar que nem toda variação acarreta mudança, mas toda mudança passa pelo processo de variação até chegar o estágio final. Assim, por meio do problema de restrição e adotando a metodologia de tempo aparente, analisamos quais os fatores linguísticos e sociais que condicionam a variação em estudo, e como ela está implementada na comunidade.

3.2 Procedimentos metodológicos

3.2.1 Objetivos e hipóteses

O objetivo do nosso estudo é analisar, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), o perfil sociolinguístico dos falantes da zona rural de Pariconha/AL em relação à realização dos pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* na posição sintática de sujeito. Para tanto, realizamos uma análise quantitativa os dados com o intuito de responder as seguintes questões:

- I. Qual a frequência de uso dessas variantes na comunidade de fala pesquisada?
- II. Há a interferência de grupos de fatores linguísticos e sociais tempo verbal, marca morfológica, paralelismo formal, saliência fônica, determinação do referente, sexo, faixa etária e escolaridade na variação em estudo?
- III. Essa variação reflete um processo de variação estável ou de mudança em progresso

Como respostas provisórias as questões levantadas, propomos as seguintes hipóteses:

- I. Partimos do pressuposto de que os pronomes *nós* e *a gente* coexistem na comunidade pesquisada, com *a gente* sendo a variante mais selecionada;
- II. As variáveis tempo verbal, marca morfêmica, paralelismo formal, saliência fônica, determinação do referente, sexo, faixa etária e escolaridade influenciam a variação em análise, com *a gente* sendo mais favorecido nos seguintes contextos: pretérito imperfeito, marca morfêmica de terceira pessoa do singular, *a gente* antecedido por *a gente*, contextos menos salientes, tempos verbais em que há menor saliência fônica e referente indeterminado;
- III. Partindo do pressuposto de que o uso da variante inovadora *a gente* é mais frequente entre os jovens e decrescente em relação à idade de outros informantes mais velhos, cremos que o uso *nós* e *a gente* na fala dos informantes da comunidade rural de Pariconha reflete um processo de mudança em progresso.

Para confirmar ou refutar as hipóteses apresentadas acima, apresentamos os objetivos específicos que norteiam esta pesquisa:

- I. Verificar a forma pronominal mais frequente: *nós* ou *a gente*;
- II. Analisar se os grupos de fatores linguísticos tempo verbal, marca morfêmica, paralelismo formal, saliência fônica, determinação do referente, condicionam a variação em estudo;
- III. Analisar se os grupos de fatores sociais sexo, faixa etária e escolaridade condicionam a variação em estudo;
- IV. Verificar se a alternância *nós* e *a gente* reflete um processo de variação estável ou de mudança em progresso na comunidade.

3.2.2 A comunidade de fala

De acordo com Silva (2020), a história de Pariconha tem seu início por volta do século XIX e, nesse período, a localidade era denominada como Fazenda Grande. A história de Pariconha foi marcada pela presença das famílias Teodósio, Vieira, Viana e Félix, que iniciara

o processo de povoação do atual município de Pariconha, estabelecendo-se com a agricultura e a pecuária, sobretudo, com a criação de animais de pequeno porte.

Nesse processo de povoação, as famílias fixaram-se numa localidade denominada Povoado Caraibeiras dos Teodósios, que fica às margens do rio Moxotó, na qual tem suas raízes fixadas até hoje por meio de seus descendentes. O restante das famílias colonizadoras da região se estabeleceu no local onde hoje se encontra a sede do município.

Por volta de 20 anos após a chegada desses primeiros habitantes, chega também um grupo de índios da tribo Jaripancós, originários do município de Tacaratú-PE, e instala uma aldeia na Serra do Ouricuri, bem próximo à atual cidade, que, hoje, recebe atendimento da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

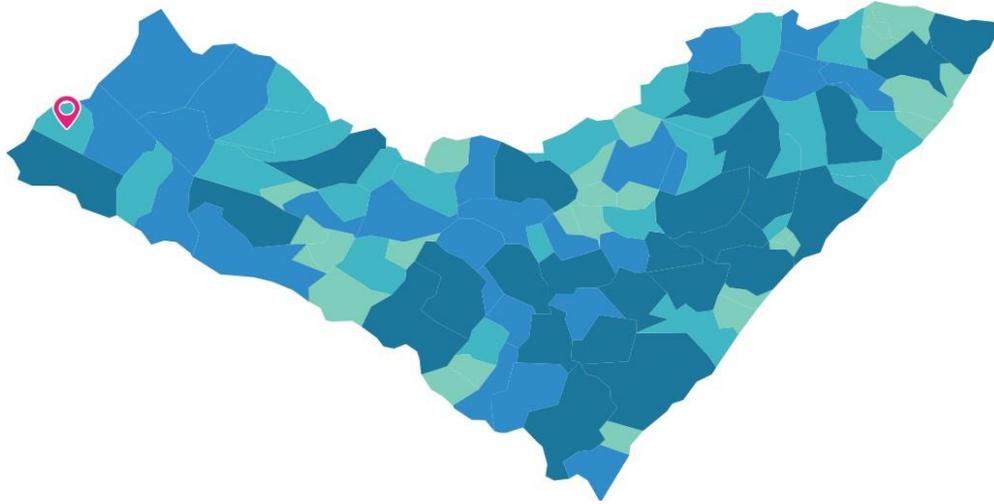
Silva (2020) discorre que, segundo relatos de moradores, a luta por emancipação de Pariconha começa por meados de 1961, quando um grupo de moradores têm a ideia de emancipar a cidade. Segundo os relatos, a luta por emancipação foi grande e se deu em duas etapas, a primeira foi a necessidade de tornar o então povoado em distrito, a segunda, após quase três décadas de instalação do distrito foi alavancada novamente a luta pela emancipação. A partir daí Pariconha é desmembrada de Água Branca e é emancipada em 07/04/1992.

Segundo relata a história local, a cidade recebeu o nome de Pariconha, porque um ouricurizeiro cujos frutos continham duas "conhas", como eram conhecidas as polpas desses frutos, deu origem ao nome da cidade, que era conhecida, inicialmente como "Par-de-Conha", que, depois, foi simplificado para Pariconha.

O município de Pariconha está localizado no sertão alagoano, limita-se com os municípios de Água Branca, Delmiro Gouveia, Tacaratu-PE e Paulo Afonso-BA, situando-se a 6 km a Norte-Oeste de Água Branca. Pariconha possui uma extensão territorial de 254,719 km², e encontra-se a 354 km de Maceió, capital alagoana.

O mapa 1 mostra a localização do Município no estado de Alagoas:

Mapa 1- Mapa de Alagoas



Fonte: IBGE²

Segundo do o censo do IBGE/2010³, Pariconha possui uma população de 10.264 habitantes, o que corresponde a 5.114 habitantes do sexo masculino e a 5.150 do sexo feminino, representando 49,82% do gênero masculino e 50,18% são do gênero feminino. Um total de 7.468, que corresponde a um percentual de 72,76% pariconhenses residem na zona rural, que é composta por aproximadamente 30 povoados/sítios, e 2.796, que correspondem a um percentual de 27,24% da população que residem na zona urbana.

Com relação aos aspectos culturais da comunidade de Pariconha, em meio as festividades que acontecem no município, se sobressaem a festa do padroeiro da cidade, o Sagrado Coração de Jesus, a emancipação política da cidade, e as demais festas religiosas realizadas nas comunidades rurais do município.

No que se refere à educação, o Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil apresenta o fluxo escolar por faixa etária, no período de 2000 a 2010, mostrando que, durante esse período, o fluxo de crianças, jovens e adultos frequentando a escola aumentou significativamente, como podemos observar no gráfico 1:

² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

³ Informações baseadas no censo demográfico IBGE/2010

Gráfico 1- Frequência Escolar de Pariconha- AL – de 2000 a 2010

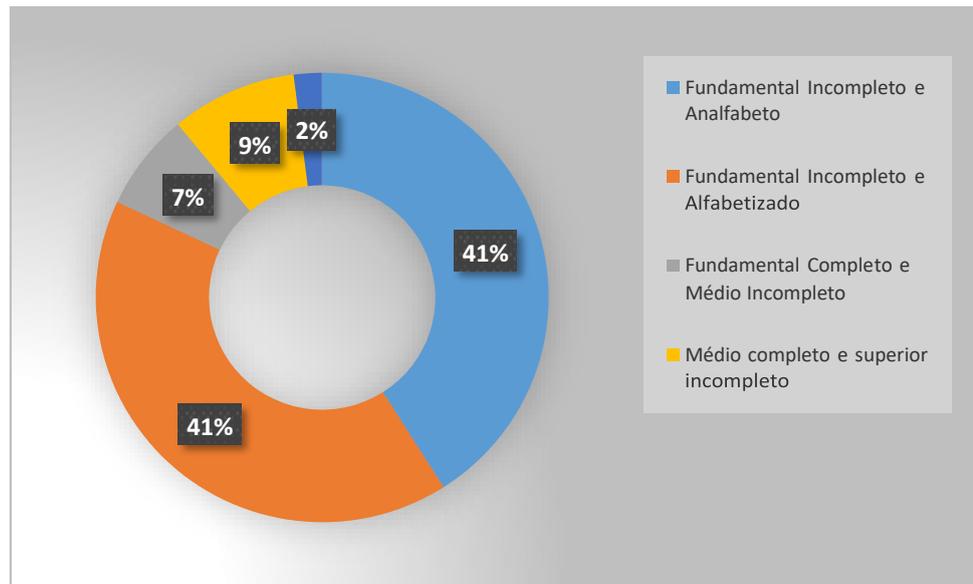


Fonte: Perfil do Município de Pariconha, AL| Atlas do desenvolvimento Humano no Brasil.

O gráfico 1 apresenta dados que mostram que, no município, os indivíduos da faixa etária de 5 a 6 anos na escola eram de 93,48%, em 2010. No mesmo ano, a faixa etária das crianças de 11 a 13 anos, frequentando os anos finais do ensino fundamental, era de 85,34%, a dos jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo era de 26,97%, e a dos jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo era de 14,96%.

No que se refere à população com idade de 25 anos ou mais, em 2010, os dados apresentam um maior percentual de indivíduos analfabetos com ensino fundamental incompleto, conforme podemos observar no gráfico

Gráfico 2- Escolaridade da população de 25 ou mais – 2010



Fonte: Adaptado do Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil⁴ (2013)

O gráfico 2 mostra que, no município, os indivíduos com 25 anos ou mais com fundamental incompleto e analfabeto apresentam um percentual de 41%, do mesmo modo, os indivíduos com fundamental incompleto e alfabetizados apresentaram um percentual de 41%. Já os indivíduos que possuem fundamental completo e médio incompleto correspondem a um percentual de 7%, e os indivíduos que possuem o médio completo e superior incompleto correspondem a 9%.

3.2.3 Amostra analisada

Para a descrição e análise dos dados, recorreremos a amostra de Silva (2020), coletada na comunidade de Pariconha/AL. Para estratificação da amostra, o autor estabeleceu três parâmetros para a seleção dos informantes, a saber: (i) os informantes deveriam ser pessoas nascidas e criadas nos povoados e sítios que compõem a zona rural do município de Pariconha, (ii) não tivessem se afastado desses locais por tempo superior a cinco anos e (iii) não tivessem morado fora da comunidade durante a adolescência.

Considerando as dimensões sociais relevantes da variação e da comunidade, o pesquisador estratificou sua amostra de acordo com três variáveis, a saber: sexo/gênero

⁴ Informações extraídas do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, baseadas no censo demográfico IBGE/2010.

(masculino/feminino), escolaridade (sem escolarização, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) e faixa etária (F1 – 18 a 29 anos/ F2 – 30 a 44 anos e F3 – acima de 44 anos).

Silva (2020) delimitou o número de informantes necessários para que pudesse alcançar uma amostra representativa da comunidade. Por meio do cruzamento dessas variáveis (2 x 4 x 3), foi obtido um total de 24 células. Após a realização da estratificação, foi definido dois informantes por célula, totalizando 48 informantes (24 x 2 = 48) a serem entrevistados,

Porém, no decorrer da pesquisa, devido à pandemia, foram encontradas algumas dificuldades para conseguir informantes com o perfil estabelecido, dessa maneira, em vez de 48 entrevistas, foi constituída uma amostra sincrônica composta por 45 entrevistas. Em nosso estudo, não analisamos todas as entrevistas da amostra, retiramos as entrevistas dos informantes sem escolarização, porque não foi possível preencher todas as células, e, para que não houvesse enviesamento dos dados, optamos por não analisar as entrevistas dos informantes sem escolarização. O quadro 2 apresenta como a amostra está estratificada:

Quadro 3- Estratificação da amostra

Sexo	Faixa etária	Escolaridade	Nº de informantes
Masculino	18 a 29 anos	Sem Escolarização	X
Masculino	18 a 29 anos	Ensino Fundamental	2
Masculino	18 a 29 anos	Ensino Médio	2
Masculino	18 a 29 anos	Ensino Superior	2
Feminino	18 a 29 anos	Sem Escolarização	1
Feminino	18 a 29 anos	Ensino Fundamental	2
Feminino	18 a 29 anos	Ensino Médio	2
Feminino	18 a 29 anos	Ensino Superior	2
Masculino	30 a 44 anos	Sem Escolarização	2
Masculino	30 a 44 anos	Ensino Fundamental	2
Masculino	30 a 44 anos	Ensino Médio	2
Masculino	30 a 44 anos	Ensino Superior	2
Feminino	30 a 44 anos	Sem Escolarização	2
Feminino	30 a 44 anos	Ensino Fundamental	2
Feminino	30 a 44 anos	Ensino Médio	2
Feminino	30 a 44 anos	Ensino Superior	2
Masculino	Acima de 44 anos	Sem Escolarização	2

Masculino	Acima de 44 anos	Ensino Fundamental	2
Masculino	Acima de 44 anos	Ensino Médio	2
Masculino	Acima de 44 anos	Ensino Superior	2
Feminino	Acima de 44 anos	Sem Escolarização	2
Feminino	Acima de 44 anos	Ensino Fundamental	2
Feminino	Acima de 44 anos	Ensino Médio	2
Feminino	Acima de 44 anos	Ensino Superior	2

Fonte: Silva (2020)

Silva (2020), baseado nos princípios éticos e no respeito ao participante e na integridade física, ética e moral, antes de iniciar o processo de coleta de dados, submeteu o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Alagoas, obtendo aprovação com Parecer de número: 3.566.661, em setembro de 2019. Após a aprovação do seu projeto, o pesquisador iniciou o processo de coleta de dados.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas entre entrevistado e entrevistador. Para tanto, elaborado uma ficha da amostra sociolinguística contendo os dados dos informantes e tópicos da conversa que serviram de roteiro guia para as entrevistas. Ao entrar em contato com os informantes, Silva (2020) explicou as etapas a serem percorridas durante a pesquisa para que assim fosse dado o consentimento livre e esclarecido por parte do informante que estava participando da pesquisa.

Após coletado o material linguístico, a próxima etapa foi a realização da transcrição. Para a realização dessa etapa, foi utilizado o programa computacional Express Scribe⁵ e seguido o Protocolo de Transcrição do Projeto A Língua Usada em Alagoas.

3.2.4 As Variáveis

3.2.4.1 Variável dependente

Em nosso estudo, consideramos, como variável dependente, as formas pronominais de primeira pessoa do plural na posição de sujeito. No entanto, consideramos apenas as realizações de *nós* e *a gente* na posição de sujeito realizadas foneticamente, conforme podemos observar nos exemplos (19) (20). Procedemos dessa forma porque, nas variedades alagoanas, há um contexto variável entre *nós* e *a gente* e a concordância verbal associada a essas formas, o que não nos dá certeza sobre o pronome usado quando nulo.

⁵ O programa auxilia o pesquisador na tarefa de transcrição do registro de áudio.

(19) temos temos sim *nois temos* hoje como eu citei antes atrás *nós temos* a o novenário de nossa senhora da Saúde qui vem da noite do Zé Américo(...) (L29MF2E2).

(20) (...) *a gente* vai pra roça - a tarde *a gente* cunvesa cum zamigo joga boa - - isso daí *a gente* faz isso tudo aqui -trabalha de servente têm dias e: é assim a:: o dia a dia nosso aqui (L5MF1E1).

3.2.4.2 Variáveis independentes

No que se refere às variáveis independentes, compreendemos que as variáveis linguísticas e não linguísticas não agem de forma isolada, mas operam de acordo com um conjunto de relações que podem inibir ou favorecer o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes. Desse modo, em nosso estudo, selecionamos as seguintes variáveis, a saber, tempo verbal, marca morfológica, paralelismo formal, saliência fônica, determinação do referente, sexo, faixa etária e escolaridade.

No que diz respeito à variável linguística tempo verbal, as pesquisas têm mostrado a importância dessa variável nos estudos de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*. Rubio (2012) e Scherre *et al.* (2018) explicam que esse grupo de fatores está diretamente ligado a saliência fônica, as escolhas verbais que os falantes realizam mediante as formas pronominais *nós* e *a gente*. Desse modo, Omena (1986) e Lopes (1998), ao investigarem a variável de primeira pessoa do plural, mostram que os tempos verbais pretérito imperfeito e presente tendem a favorecer o uso de *a gente*, enquanto pretérito perfeito, o uso de *nós*.

Para a descrição e análise dos dados, dividimos a variável tempo verbal em quatro fatores, a saber, pretérito perfeito, como em (21) e (22); pretérito imperfeito, como em (23) e (24); infinitivo, como em (25) e (26) e presente, como em (27) e (28).

(21) -todos *nois* aqui participamo sabe? um faz uns faz uma doação ôtos ajuda na limpeza da igreja - - ôtos ajuda dano noite de novena né fazeno aquela noite de novena bunita cum zabumba cum tudo intão todos daqui do lugá participam. (L24FF3E2).

(22) e desde criança *a gente* sempre ajudou os pais né /mas, mais/ era bom (L28FF2E3).

(23) -pur exemplo no meu tempo da infância *nois* vivia aqui de quê? de candiero *nois* vivia era carregando água na cabeça das fonte ô nos animais. (L22MF2E1).

(24) -- minha infância foi – maravilhosa sempre *a gente* brincava ía pas roças /mas, mais/ meus avós e meus tios. (L16FF1E2).

(25) - é: porque é::: o jeito do do:: dos pessoal falá né aí já vem a:: a tradição de *nois* falá já assim porque derne de piquena qui *nois* já tem esse jeito de falá já vem dos pai o os falá *nois* aprende já dos pai a falá isso. (L17FF2E1).

(26) - *a gente* qué o melhó.(L31FF3E1)

(27) *nois* terminamos os istudo /mas, mais/ não temos oportunidade de arrumá um imprego aí isso aí isso aí dificulta muito nosso nossa convivência - aqui só é ruim pu causa disso qui dis xx é::: xx é::: dificulta muito a nossa a nossa convivência porque falta de imprego. (L25FF2E2).

(28) acho as característica das pessoa a fala também *a gente* percebe pela fala puquê *a gente* já tem um sutaque totalmente diferente do de ôtras pessoas qui chega aqui no nosso lugá. (L25FF2E2).

Com base no estudo de Souza (2020), realizado na região, partimos do pressuposto de que em tempos verbais que há menos saliência fônica, como pretérito imperfeito e presente, a forma inovadora *a gente* será mais realizada, e, em tempos verbais que há mais saliência fônica, como no pretérito perfeito, o pronome padrão *nós* será mais favorecido.

A variável marca morfêmica diz respeito à concordância verbal que é estabelecida com as formas pronominais *nós* e *a gente*, isso implica dizer que a variável é entendida como a possibilidade de os falantes utilizarem verbos com marca morfêmica de terceira pessoa do singular e marca morfêmica de primeira pessoa do plural (VITÓRIO, 2017).

Em nossa pesquisa, consideramos os fatores marca morfêmica de terceira pessoa do singular com as formas *nós* e *a gente*, como em (29) e (30), e marca morfêmica de primeira pessoa do plural com as formas *nós* e *a gente*, como em (31) (32).

(29) [...] *nois* poderia morrê - no ôto dia foi qui *nois* foi pensá - - pá acudi essas pessoas. (L10FF2E2)

(30) [...] *a gente* vai junto - - sempre eu gosto das festa – n num tem diferença festas de povoado e da cidade sempre eu gosto purquê *a gente* faiz a festa junto com os amigos você num vai num vai participá de uma festa só num tem futuro num presta. (L1MF3E3)

(31) [...] *nós* temos qui qui usá o velho porque o velho também é a nossa história história do nosso antepassados nossos avós pais e etc porque já pensô se você num quisesse sabe nada de velho[...] (L3FF3E3).

(32) [...] aqui *a gente* samo /mais, mas/ de roça – tempo de chuva melhó ainda o dia a dia comum normal sem violência tranquilo – as criança brinca sussegado tranquilo – o dia a dia aqui – agradável. (L44MF1E2).

Vitório (2017) e Souza (2020) mostram que a forma pronominal *nós* tende a ser mais recorrente com o verbo na primeira pessoa do plural, e a forma variante *a gente* na terceira pessoa do singular. Com isso, a nossa hipótese é a de que o pronome *nós* apresentará maiores realizações de marca morfêmica de primeira pessoa do plural, e *a gente* marca morfêmica de terceira pessoa do singular.

A variável paralelismo formal diz respeito à tendência que o falante possui de reproduzir uma mesma forma linguística ao longo de uma mesma sequência discursiva, assim, a escolha de uma determinada forma linguística tende a condicionar o uso das formas seguintes, podendo gerar repetições das formas pronominais. Segundo Scherre (1998):

A própria repetição das variantes de uma mesma variável dependente no discurso tem se evidenciado como uma restrição importante na análise de fenômenos variáveis de todos os subsistemas linguísticos em diversas línguas. Esta restrição ou variável independente ocorre entre as cláusulas (plano discursivo), no interior da oração (plano oracional), no interior do sintagma (plano sintagmático), e entre palavras e no interior da palavra (plano da palavra) (SCHERRE, 1998, p.30).

Dessa maneira, consideramos que essa variável pode ocorrer de quatro formas, a saber, realização isolada, quando aparece somente uma das formas pronominais no discurso, como (33) e (34), primeiro da série, quando uma das formas aparecem primeiro na sequência discursiva seguida da mesma variante, ou de outras variantes, como (35) e (36), antecedido por *nós*, quando as variantes *nós* ou *a gente* são antecidas por *nós*, como (37) e (38), e antecedido por *a gente*, quando as formas *nós* ou *a gente* são antecidas por *a gente*, como (39) e (40).

(33) por exemplo água – água num – água chegava cada quinze dias uma vez pur mês e hoje cum: cum essa adutora nova aí cum esse canal aí a coisa melhorô é: quato cinco vez pu semana *nois* temos água aqui – nossa infraestrutura de istrada aqui era precara hoje tá melhó os governante sempe tão passano as máquina .(L4MF3E2).

(34) se *a gente* fô falá numa faxa etária de de cinquenta sessenta ano é tudo igual. (L4MF3E2).

(35) - acho normal – porque a maioria a maioria dos nordestino falá assim *nois nois* mora - /mas, mais/ tem gente qui: qui zomba da pessoa quando fala *nós nós* mora purque diz qui tá falano errado e tal /mas, mais/ eu acho normal. (L9MF1F3).

(36) como é o dia a dia da gente aqui? ah o dia a dia da gente é: *a gente* vai pra roça - a tarde *a gente* cunvesa cum zamigo joga boa - - isso daí *a gente* faz isso tudo aqui - trabalha de servente têm dias e: é assim a:: o dia a dia nosso aqui. (L5MF1E1).

(37) -não porque é o jeito de *nois* já falá né o jeito de nossa convivência de falá qui *nois* gosta de falá aí *nois* num pode xxx *nois* já fala assim essas coisa assim *nois* num pode falá ôtas coisa já é o jeito de *nois* fala. (L17FF2E1).

(38) aqui na verdade foi meio duro né porque como eu acabei de falá *nois* vévi da agricultura a infância é o quê? de manhã *a gente* ía pra iscola uma iscolinha qui tinha ali qui ainda hoje tem na Jurema e então daí *nois* chegava - quando *a gente* já era assim seur dez onze ano *a gente* pegava aquele almocinho e ía prá roça trabalhá e assim era odia a dia até: *a gente* chega numa certa idade de tomá seu.(L22MF2E1).

(39) ah mudô bastante naquela época queu era soltero criança depois fiquei adulto era muinto diferente dagora agora mudô bastante – *a gente* morava aqui num tinha inégia água as mulé ía buscá muinto longe lá nos carí cuns potinho na cabeça potinho de barro e hoje nem ar mulé quere carregá /mais, mas/ água né porque tem os carro qui bota água pra elas aliás pá *nois* todos né e:: mudô bast muinto a comunidade mudô muinto num tinha inégia agora tem. (L35MF3E1).

(40) como é o dia a dia da *gente* aqui? ah o dia a dia da *gente* é: *a gente* vai pra roça - a tarde a *gente* cunvesa cum zamigo joga boa - - isso daí *a gente* faz isso tudo aqui - trabalha de servente têm dias e: é assim a:: o dia a dia nosso aqui. (L5MF1E1).

Tomando por base o que outros estudos têm apresentado, em nossa análise, partimos do pressuposto de que a variante *a gente* seja mais favorecida quando antecedida por *a gente* na mesma sequência discursiva, confirmando a importância dessa variável para a análise.

No que diz respeito à variável saliência fônica, Chaves (2014) argumenta que a saliência tem sido apontada como a variável da marcação explícita da concordância, tanto nominal como verbal. Os estudos também têm mostrado que a saliência fônica é condicionante para o uso das formas distintas em competição. No que tange ao comportamento da variável na concordância de primeira pessoa do plural, de modo geral, os estudos mostram que quando o verbo está conjugado na terceira pessoa do singular ocorre a [- saliência] e [+ saliência] quando o verbo está conjugado na primeira pessoa do plural.

Em nosso estudo, analisamos quatro construções com a primeira pessoa plural, a saber: variante padrão – *nós* com *-mos* (*nós* moramos); variante padrão – *nós* sem *-mos* (*nós* mora), como em (41) e (42); variante inovadora – *a gente* sem *-mos* (*a gente* morou/*a gente* mora) e variante inovadora – *a gente* com *-mos* (*a gente* somos), como em (43) e (44). Assim, separamos a variável saliência fônica em dois fatores, a saber, [- saliência], como em (42) e (43); e [+ saliência], como em (41) e (44).

(41) *nois* moramos aqui o certo é *nois* moramos aqui entendeu? o certo é esse.(L21MF2E1).

(42) *nós* mora né /mas,mais/ não é o certo (L1MF3E3)

(43) *a gente* mora num é ingual a – por exemplo Pariconha num é ingual a aonde *a gente* mora Pariconha é /mais, mas/ - tipo /mais, mas/ - fechado /mais,mas/ bagunçadinho. (L6MF1E1).

(44) a festa do padruero aqui a festa do padruero *a gente* tem tamém uma umas tradição da festa de indígena da gente qui *a gente* somos *a gente* somos aí tem a tradição frequenta muinto tem quermesse da na igreja a gente sempre participa. (L25FF2E2).

Comprendemos que a variável pode ocorrer de duas maneiras, [- saliência], quando o verbo está conjugado na terceira pessoa do singular, e [+ saliência], quando o verbo está na primeira pessoa do plural. Os estudos de Souza (2020) e Foeger *et al.* (2017) mostram que os verbos menos salientes favorecem a aplicação da variante *a gente*. Em nosso estudo, partimos do pressuposto de que o fator [- saliência] será mais favorável ao uso de *a gente*.

No que diz respeito à variável determinação do referente, Tamanine (2002) a descreve como a referência feita ao sujeito, desse modo, essa variável é utilizada para analisar a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito, verificando se o falante está se tratando de um sujeito determinado, como em (45) e (46), ou um sujeito indeterminado, como em (47) e (48).

(45) *nois* mora aqui. (L3FF3E3).

(46) eu qui moro aqui no município de Pariconha num quero nem í a Pariconha a pé *a gente* tem dificuldade a gente arruma qualqué obstáculo pra num í. (L3FF3E3).

(47) *nós* temos qui nos sabê é: sabê nos iexpressá e também onde e aonde e cum quem. (L12MF2E3).

(48) ah meu fio minha infância foi: boa dimais – era: - *a gente* era – como eu posso dizê era livre nera pá fazê o qui quiria prá brincá:- né qui nem hoje em dia né? qui hoje em dia é: diferente a forma da a infância de hoje em dia né. (L9MF1F3).

Souza (2020), ao analisar a variável determinação do referente constatou que os informantes usam preferencialmente a variante *a gente* com o referente indeterminado, já a variante padrão *nós* é preferencialmente aplicada com o referente determinado. Deon *et al* (2016) também mostram que, em contextos de indeterminação, o pronome variante *a gente* também predominou. Em nosso estudo, partimos do pressuposto de que o referente indeterminado favorecerá a aplicação da forma pronominal *a gente*.

No que se refere à variável sexo, os estudos sociolinguísticos têm mostrado que a variável sexo/gênero pode ser um grupo de fator significativo nos processos variáveis, pois apresenta um padrão regular, no qual as mulheres demonstram maior preferência pelas variante

linguísticas que são socialmente prestigiadas. Labov (2008) argumenta que, “na fala monitorada as mulheres usam menos as formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio” (p.281).

Mas, de acordo com Mollica e Braga (2017), é preciso levar em consideração que, em muitos processos de mudança, uma variante de prestígio e uma variante de não prestígio podem não estar envolvidas, como é o que ocorre com as formas pronominais *nós* e *a gente* para expressão de primeira pessoa do plural, pois, é difícil afirmar que há estigma em relação ao uso de *a gente*, uma vez que a variação *nós* e *a gente* é um fenômeno variável com pouca estigmatização (FREITAG, 2016) ou as variantes não se sujeitam a uma avaliação negativa explícita.

Ainda com relação a variável sexo, os estudos de Omena (1996), Vianna e Lopes, Feitosa (2017), Vitória (2017) mostram que o uso do pronome *nós*, variante mais conservadora, é mais utilizada pelos homens, e a forma inovadora *a gente*, é mais frequente entre as mulheres. Assim, em nosso estudo, a nossa hipótese é a de que a variante inovadora *a gente* seja mais frequente entre as mulheres da comunidade rural de Pariconha.

A variável faixa etária tem sido amplamente utilizada nos estudos sociolinguísticos, pois é através do controle dessa variável que podemos compreender como a variação em estudo se comporta no sistema linguístico em um determinado tempo, podendo, assim, verificar se a variação se encontra estável ou em um estágio de mudança.

Labov (2008) argumenta que os jovens tendem a optar por variantes inovadoras, isso significa considerar que quando a variante inovadora é mais frequente na fala dos mais jovens há um indício de mudança em progresso. Os mais jovens estão mais predispostos a aderirem mudanças, ao passo que os mais velhos mantêm uma postura mais conservadora.

Em nosso estudo, buscamos observar como a variável faixa etária se comporta em relação à variação de primeira pessoa do plural. Para tanto, selecionamos três faixas etárias, a saber, F1 (18 a 29 anos), F2 (30 – 44 anos), F3 (acima de 44 anos) e partimos do pressuposto de que os falantes mais jovens são os que mais fazem o uso da variante inovadora, revelando um processo de mudança em curso na comunidade.

No que diz respeito à variável escolaridade, a observância no dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala das pessoas que a frequentam, assim, entendemos que essa variável atua como preservadora das formas de prestígio, o que significa considerar que quanto maior o nível de escolaridade, maior seja a resistência à mudança, ou seja, menor o percentual

de uso de *a gente*. Vitória (2017) constata que quanto maior o nível de escolarização menor é o percentual de uso da variante inovadora *a gente*.

Em nosso estudo, buscamos analisar como a variável escolarização se comporta, para tanto, selecionamos três níveis, a saber, E1 (Ensino Fundamental), E2 (Ensino Médio) E3 (Ensino Superior), e partimos do pressuposto de que quanto maior o nível de escolarização, menor será a frequência de uso da variante inovadora *a gente*.

Como forma de verificar se há interferência dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, lançamos a seguinte pergunta aos dados: há interferência linguísticas e sociais na fala dos informantes da zona rural de Pariconha-AL na variação *nós* e *a gente*? A H0 é a de que não há interferência e a H1 é a de há interferência dos fatores.

3.3 Procedimento de tratamento quantitativo

Após a codificação dos dados, utilizamos o programa computacional R (R CORE TEAM, 2018) para a análise estatística dos dados. Trabalhamos com estatística descritiva inferencial com o intuito de analisar se há interferência dos fatores linguísticos e sociais na variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na zona rural de Pariconha-AL. Por meio dela, verificamos se variáveis que controlamos apresentam interferências no fenômeno estudado.

Para tanto, utilizamos o teste de qui-quadrado para observar se a distribuição encontrada é diferente da esperada. Nossas hipóteses para os testes são: H0 (hipótese nula, não há interferência dos fatores) e H1 (hipótese alternante, há interferência dos fatores). Dessa maneira, trabalhamos com o p-valor⁶ de <0.05 para o α (alfa), isso significa considerar que se o valor for de $p \geq 0.05$, aceitamos a H0, nos dados não há interferência, mas se o valor for de $p < 0.05$, rejeitamos a H0 e acolhemos H1, há interferência dos fatores.

Após obtidos os resultados das variáveis independentes que foram controladas, partimos para a análise multivariada⁷ das variáveis significativas, na qual nos permite observar o efeito delas em relação ao favorecimento por determinada variante.

⁶ Ao realizarmos um teste estatístico, ele irá dar um p-valor que deve ser comparado ao nosso valor de α (alfa). Em nossa pesquisa, o valor de α corresponde <0.05 . Isso implica dizer, que se um teste for repetido 100 vezes, em 5 vezes o resultado pode ser diferente do obtido. Freitag (2020), disponível em: <https://rkofreitag.github.io/Categorica.html/>. Acesso em: 03 Fev. 2022.

⁷ Segundo Vicine (2005, P. 10) “A denominação de Análise Multivariada corresponde a um grande número de métodos e técnicas que utilizam, simultaneamente, todas as variáveis na interpretação teórica do conjunto de dados obtidos” (apud NETO, 2004)

Dessa maneira, por meio dos resultados encontrados, é possível descrever como se comporta o fenômeno em estudo considerando as variáveis linguísticas e extralinguísticas, analisando se apresentam efeito na distribuição da variação de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* na fala dos informantes de Pariconha-AL, de maneira a respondermos à questão inicial deste estudo. Para tanto, os resultados são apresentados na próxima seção.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos os resultados da variação de primeira pessoa do plural na posição de sujeito na comunidade rural de Pariconha- AL. Para tanto, analisamos se o fenômeno em estudo é associado a variáveis linguísticas tempo verbal, marca morfêmica, paralelismo formal, saliência fônica, determinação do referente, e a variáveis externas sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, de maneira a respondermos às questões lançadas no início deste estudo.

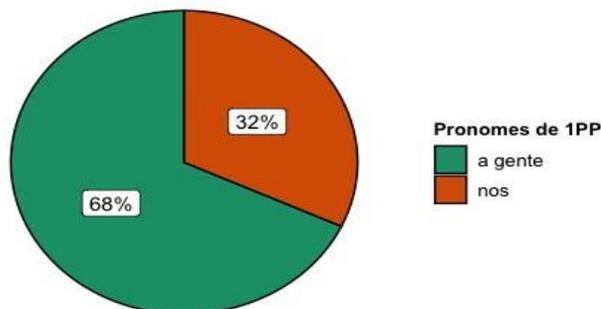
4.1 Distribuição geral dos dados

4.1.1 Variável dependente

Após a análise das 36 entrevistas da amostra de Silva (2021), obtivemos um total de 783 ocorrências das formas pronominais *nós* e *a gente* na posição de sujeito na zona rural de Pariconha/AL. Essas ocorrências, conforme observamos no gráfico 3, representam 68% (533/783) das realizações da variante *a gente*, como em (49), e 32% (250/783) das realizações da variante *nós*, como em (50). Essa distribuição é estaticamente significativa, confirmada pelo valor de qui-quadrado, em que $X^2(1 N= 783) = 102.28$, $p = 4.81e-24$.

Gráfico 3- Distribuição de *nós* e *a gente* na zona rural de Pariconha/AL

$\chi^2_{\text{gor}}(1) = 102.28$, $p = 4.81e-24$, $\hat{V}_{\text{Cramer}} = 0.36$, $CI_{95\%} [0.29, 0.43]$, $n_{\text{obs}} = 783$



Fonte: Elaboração própria (2021)

(49) *a gente* era preso pai não dexava *a gente* saí assim e hoje não hoje sai pai e os filho acompanha e tão tudo liberado hoje. (L23FF3E3);

(50) *nois* temos aqui hoje é:: um aspecto cultural qui ainda num é disinvolido pelo pelo município /mas, mais/ também qui *a gente* vamo lutá é:: final de ano pá cumêço final de dezembro pá cumêço de dezembro do dia quato do dia dois ao dia cinco *nois* temos as belas de novenas nossa sinhora da Saúde qui acontece no município e qui é uma cultura

cultura essa qui já vem de de:: xxx queu conheço há:: há décadas então assim se hoje se tem vários atrativo na nossa comunidade. (L29MF2E2).

Esses resultados mostram que o pronome inovador *a gente* é a forma mais utilizada na comunidade rural de Pariconha-AL para representação da primeira pessoa do plural na posição de sujeito, corroborando outros estudos sociolinguísticos realizados no Nordeste, que têm apontado a preferência pelo uso de *a gente* (ALVES; SOUZA, 2020; FONSECA; LOPES, 2020; SILVA; VITÓRIO, 2021; SOUZA, 2020; VITÓRIO, 2016), principalmente nas variedades urbanas e rurais localizadas no estado de Alagoas.

Tendo em vista que esses resultados se mostram estaticamente significativos, faz-se necessário observar se há interferências de variáveis independentes nas realizações da variável dependente (GRIES, 2019). Dessa maneira, apresentamos os resultados de cada variável controlada, começando pelas variáveis extralinguísticas, seguindo as variáveis linguísticas.

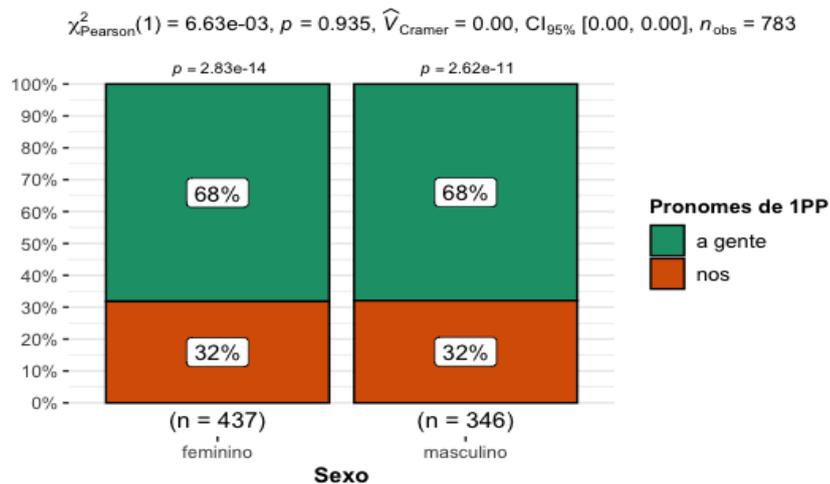
4.1.2 Variáveis extralinguísticas

4.1.2.1 Sexo

Estudos sociolinguísticos têm mostrado que o uso do pronome mais conservador *nós* é mais recorrente na fala dos homens, enquanto o uso do pronome inovador *a gente* é mais utilizado pelas mulheres. Para a nossa análise, controlamos dois fatores, a saber, feminino e masculino, e, tomando por base as pesquisas de Alves e Sousa (2020), Carvalho (2015), Fonseca e Lopes (2020) e Vitório (2016), partimos do pressuposto de que a variante inovadora *a gente* é mais frequente entre as mulheres da comunidade da zona rural de Pariconha/AL.

Para controlar essa variável, questionamos se há interferência da variável sexo na variação *nós* e *a gente* na fala dos informantes da zona rural Pariconha-AL. Para tanto, consideramos que a H1 postula que há interferência dessa variável na realização da variável dependente, e a H0 que não há interferência dessa variável na realização da variável dependente. No gráfico 4, podemos observar os resultados obtidos na comunidade.

Gráfico 4- Distribuição de *nós* e *a gente* na variável sexo



Fonte: Elaboração própria (2021)

Os resultados mostram que homens e mulheres apresentam o mesmo comportamento linguístico no uso de *nós* e *a gente*, revelando que, na zona rural de Pariconha/AL, não há maior predominância de *a gente* entre as mulheres. Desse modo, nossa hipótese não foi confirmada, pois homens e mulheres apresentam percentuais semelhantes em relação ao uso de *a gente* – 68%, logo não existem diferenças relevantes entre o sexo masculino e feminino.

Isso significa considerar que os resultados não se apresentam estaticamente significativos, confirmados pelo valor de qui-quadrado, em que ($X^2(1, N = 783) 6.63\text{e-}03$, $p = 0.935$). Dessa forma, rejeitamos a H1 e aceitamos H0, o que nos leva a concluir que o fator sexo não é determinante na escolha por uma determinada variante na comunidade.

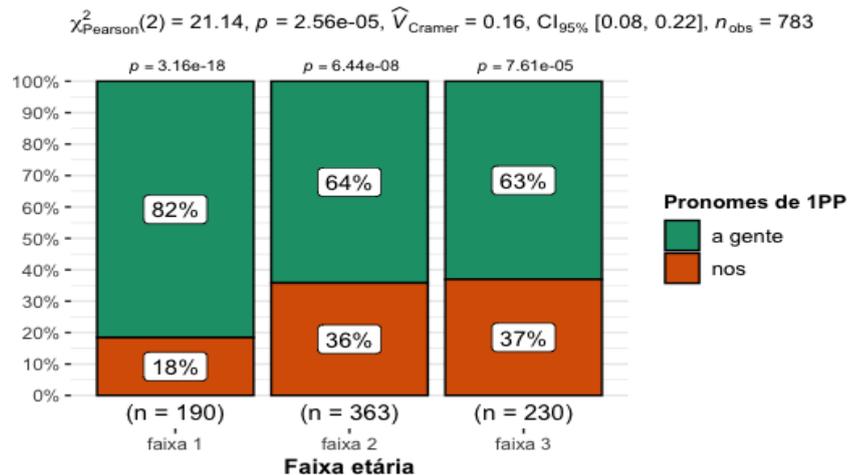
4.1.2.2 Faixa Etária

A motivação para controlar essa variável decorre da possibilidade de fazer projeções sobre o comportamento de fenômenos linguísticos variáveis em relação a uma possível variação estável ou mudança em curso (LABOV, 2008), o que nos permite checar como se encontra a variação *nós* e *a gente* na comunidade estudada. Para tanto, consideramos três fatores: Faixa 1 (18 a 29 anos), Faixa 2 (30 – 44 anos) e Faixa 3 (acima de 44 anos).

Considerando que os jovens tendem a preferir o uso de variantes inovadoras (SPESSATT, 2010; VITÓRIO, 2016; VITÓRIO, 2017; SOUZA, 2020), em nosso estudo,

partimos do pressuposto de que os falantes mais jovens são os que mais favorecem o uso da variante *a gente*. Dessa maneira, controlamos essa variável para checar sua interferência e postulamos que a H1 pontua que há interferência dessa variável na realização da variável dependente e a H0 que não há interferência dessa variável na realização variável dependente.

Gráfico 5- Distribuição de *nós* e *a gente* na variável faixa etária



Fonte: Elaboração própria (2021)

Conforme podemos observar no gráfico 5, os falantes mais jovens são os que mais fazem uso de *a gente* na comunidade, apesar de, nas três faixas etárias, haver a preferência pelo uso da variante inovadora: faixa 1 - 82% (155/190), faixa 2 - 64% (233/363) e faixa 3 - 63% (145/230). Esses resultados são estaticamente significativos ($X^2(2, N= 783) 21.14, p = 2.56e-05$), com associação fraca ($V^2 = 0.16$), o que nos levam a anular a H0 e confirmar a H1: há interferência dessa variável na variação *nós* e *a gente* na zona rural de Pariconha/AL.

Os estudos sociolinguísticos sobre a alternância *nós* e *a gente*, de modo geral, mostram que são os falantes das faixas etárias mais jovens que fazem maior uso do pronome inovador *a gente*, o que corroboram os nossos dados, por outro lado, há também a predominância, em todas as faixas etárias, da realização de *a gente*. É possível observar, também, que outros estudos têm apresentado esse comportamento, com a preferência pelo pronome inovador *a gente* em todas as faixas etárias (SOUZA; BOTASSINI 2009; VITÓRIO, 2016; SOUZA, 2020).

Segundo Tarallo (2002), para que seja possível atestar uma mudança em progresso, faz-se necessário que as variantes sejam correlacionadas aos diversos grupos etários e apresentem maior incidência nas faixas etárias mais jovens e menor frequência nas mais velhas. Sendo

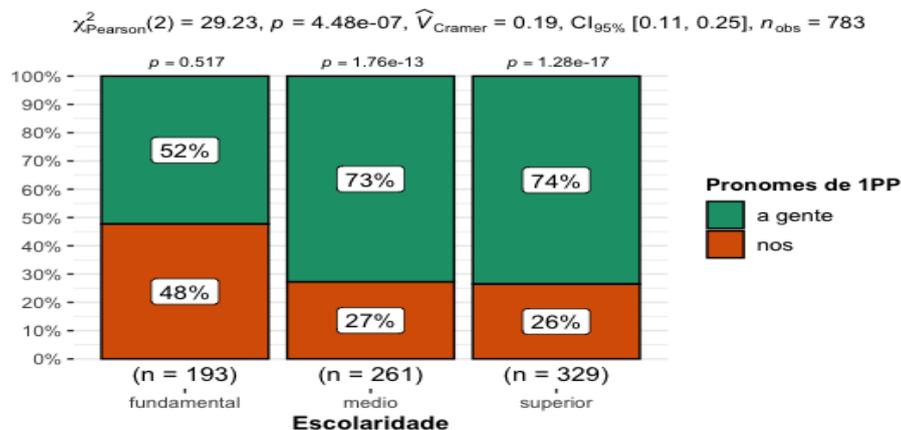
assim, esses resultados apontam um indício de mudança em curso da implementação do pronome *a gente* na comunidade rural de Pariconha-AL, uma vez que a faixa etária dos falantes mais jovens apresenta um percentual maior de frequência do uso do pronome inovador.

4.1.2.3 Escolaridade

Amplamente utilizada nos estudos sociolinguísticos, a variável escolaridade tem mostrado que a escola gera mudanças na fala e na escrita das comunidades, pois atua como preservadora de formas de prestígio (VOTRE, 2010). Com o intuito de analisar como a variável se comporta na comunidade da zona rural de Pariconha-AL, consideramos três fatores: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, e partimos do pressuposto de que quanto maior o nível de escolarização, menor será a frequência de uso da variante *a gente*.

Desse modo, para saber se há interferência dessa variável, temos como H1 que há interferência dessa variável na realização da variável dependente, e a H0 que não há interferência dessa variável na realização variável dependente, com a variante inovadora sempre mais favorecida entre os falantes menos escolarizados.

Gráfico 6- Distribuição de *nós* e *a gente* na variável escolaridade



Fonte: Elaboração própria (2021)

De acordo com o gráfico 6, observamos que os informantes do Fundamental utilizam menos a variante *a gente* – 52% (101/193), do que os informantes do Médio – 73% (190/261) e do Superior – 74% (242/329), diferindo do que pressupomos para a análise desta variável de que quanto maior o nível de escolarização, menor o percentual de *a gente*. São os informantes do Fundamental que apresentam maior realização do pronome padrão *nós* – 48% contra 27% e 26% para os informantes do Médio e Superior, respectivamente.

A distribuição desses dados é estaticamente significativa ($X^2(2, N=783) 29.23, p = 4.48e-07$), com associação fraca ($V^2 = 0.19$), o que nos leva a confirmar a H1: do ponto de vista estatístico, há interferência dessa variável na realização da variável dependente. Os falantes, na zona rural de Pariconha/AL, fazem o uso da variante inovadora *a gente* com mais frequência em todos os níveis de escolarização, porém, apresenta maior percentual de realizações no fator ensino superior, quanto mais escolarizado, mais uso de *a gente*.

Tais resultados diferem das pesquisas de Lima (2017) e Vitória (2017), mas corroboram os estudos de Spessatto (2010) e Alves e Sousa (2020), que mostram que à medida que aumenta o nível de escolarização há maior preferência da variante *a gente*. Acreditamos que esses resultados se apresentem dessa forma devido ao fato de que esses moradores saem com muita frequência de sua comunidade para estudar nas cidades vizinhas, revelando que a inserção de *a gente* na comunidade ocorre na fala das pessoas que se ausentam da comunidade para estudar.

Na próxima seção, apresentamos as discussões a respeito de cada variável linguística controlada em nossa pesquisa, que nos permitirá responder se há a interferência dos grupos de fatores linguísticos na comunidade rural de Pariconha/AL.

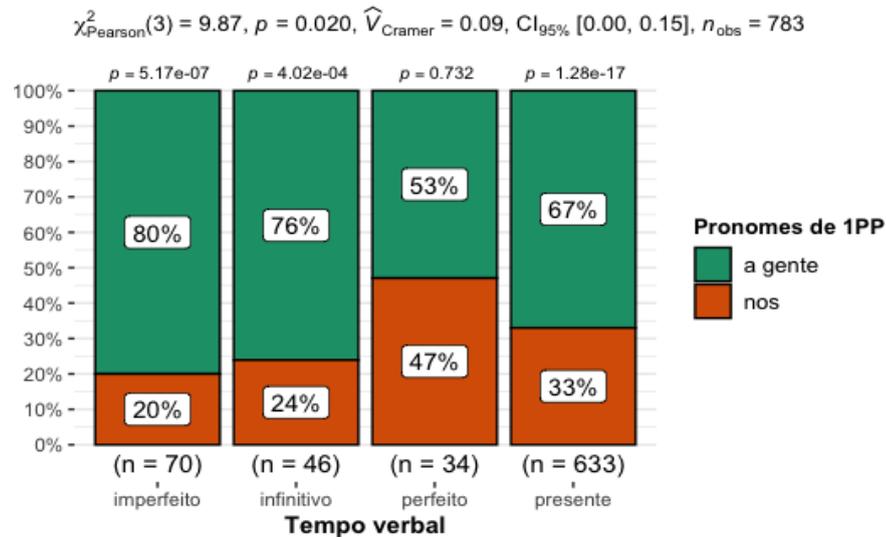
4.1.3 Variáveis linguísticas

4.1.3.1 Tempo Verbal

Os estudos têm mostrado que esta variável está diretamente ligada a saliência fônica e se refere a escolha verbal que o falante realiza por meio das variantes *nós* e *a gente*. Para o controle da variável tempo verbal, selecionamos quatro fatores, a saber, pretérito imperfeito, pretérito perfeito, infinitivo e presente, bem como partimos do pressuposto de que, em tempos verbais que há menos saliência fônica, como o pretérito imperfeito, a forma inovadora *a gente* será mais realizada, e tempos verbais que há mais saliência fônica, como o pretérito perfeito, o pronome padrão *nós* será mais favorecido, inibindo mais o uso de *a gente*.

Para saber se há interferência dessa variável linguística, temos como H1 que há interferência dessa variável na realização da variável dependente, e a H0 que não há interferência dessa variável na realização variável dependente. Como houve fatores com poucas células, realizamos o teste exato de Fisher e, de acordo com o gráfico 7, observamos que o resultados é estaticamente significativo ($X^2 (3, N= 783) 9.87, p=0.020$), com associação fraca ($V^2 = 0.09$), confirmando a nossa H1: há efeitos da variável tempo verbal na distribuição da variável dependente.

Gráfico 7- Distribuição de *nós* e *a gente* na variável tempo verbal



Fonte: Elaboração própria (2021)

Conforme podemos observar no gráfico 7, a aplicação de *a gente* foi mais recorrente com o verbo no pretérito imperfeito, com 80% (56/70); o segundo tempo verbal que mais influenciou a aplicação da variante inovadora foi o infinitivo, com 76% (35/46); em seguida, o verbo no presente, com 67% (424/633); e o pretérito perfeito, com 53% (18/34), como em (51), (52), (53) e (54). Por outro, observamos que a aplicação da variante padrão aumenta nas formas homófonas, como o verbo no pretérito perfeito, com 47% (16/34), como em (55).

(51) ah porque os jove de hoje os jove de hoje é:: negoço só no celulé jogá bola – brincá num é igual *a gente* de antigamente qui *a gente* ía pra roça.(L5MF1E1).

(52) - num tem como *a gente*: dizê assim todo mundo tá fazendo certo todo mundo tá fazeno eu posso fazê: posso tá tamém errada num sei /mas, mais/ no momento eu tô bem o:: amigo o:: vizinho tá fazeno diferente /mas, mais/ se ele tá bem eu respeito eu acho qui o importante o objetivo é você fazê o qui você gosta é você procurá vivê cada minuto cada sigundo como se fosse último sem sem sem: se preocupá cum amanhã assim aquele amanhã qui você num tem certeza tá entendendo? .(L3FF3E3).

(53) - porque assim quando *a gente* tá cunvesano cum cum as pessoas /mais, mas/ ou menos né *a gente* procura usá palavras /mais, mas/ certa e quando tá cum nois mermo todo mundo da merma racinha arrocha palavra errada (risos). (L10FF2E2)

(54) - *a gente* andava /mais, mas/ a péis do que de carro qui nessa época não - aí de um certo desse desse tempo prá cá melhorô porque *a gente* num tem /mais, mas/ aquele processo de tá carregano água na cabeça tá andano a péis e enfim qualqué forma melhorô. (L22MF2E1)

(55) [...] eu tive outro passeio também além desse cum o pessual da educação eu tive com minha família - qui viero meus irmãos de São Paulo meus sobrinhos *nós* fomos passeá também em - - - Poço Redondo – pegamos o catamarã em em: Piranhas e de lá fomos pá Poço Redondo – foi maravilhoso. (L11FF3E3)

Os resultados mostram que, em todos os tempos verbais, há o favorecimento na aplicação da variante *a gente*. Observamos também que, nos tempos verbais em que ocorrem menor saliência, a aplicação de *a gente* é maior, como é o caso do tempo verbal pretérito imperfeito, o que já era esperado, assim como nos resultados de Seara (2000), Tamanine (2010) e Franceschini (2011). Acreditamos que esse resultado esteja associado por esse tempo verbal ser mais favorável à indeterminação. Por outro lado, nos tempos verbais em que ocorrem mais saliência, como no pretérito perfeito, o favorecimento da aplicação da variante *a gente* diminui e há um leve aumento no favorecimento na aplicação da variante padrão *nós*.

4.1.3.2 Marca morfêmica

A variável marca morfêmica diz respeito à concordância verbal que pode ser estabelecida com as formas *nós* e *a gente* e tem apresentado significância nos estudos sociolinguísticos (VITÓRIO, 2017; SOUZA, 2020;). Para observarmos o seu comportamento em nossos dados, consideramos os fatores: marca morfêmica de terceira pessoa do singular (3PS) com as formas *nós* e *a gente*, como em (56) e (57), e marca morfêmica de primeira pessoa do plural (1PP) com as formas *nós* e *a gente*, como (58) e (59).

(56) - *nois* mora aqui né? – eu acho qui *nois* mora aqui *nois* (risos) eu acho qui é /mais, mas/ justo o povo fala /mais, mas/ assim né. (L13FF2E1)

(57) *a gente* senta – uma comissão né? aí vai – depois senta cum os noitero prá: pra vê quem é qui vai ficá cum a noite quando é qui vai sê o qui vai fazê aí depois a parti depois disso qui *a gente* se reuni *a gente* faiz os panfleto pra distribuí nas comunidade vizinha. (L9MF1F3)

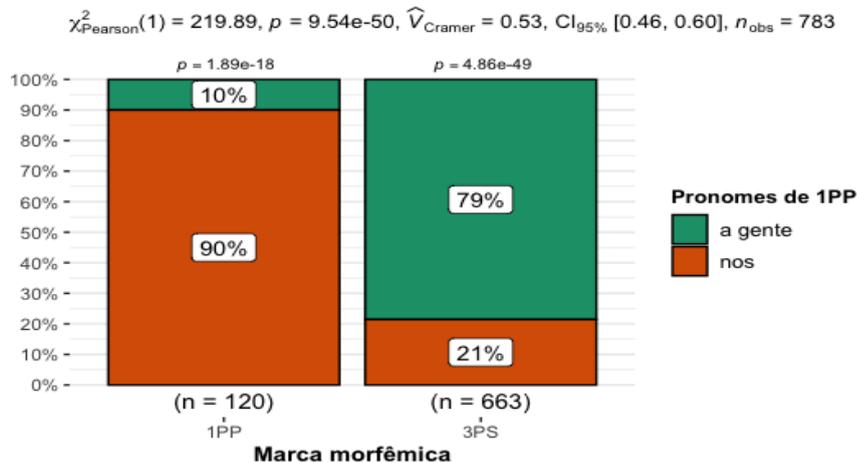
(58) sei qui *nós* brincávamos todos os dias de roba bandera a noite rodas – essas brincadeiras cantigas de rodas – sabe? (L11FF3E3)

(59) é:: nos aspectos econômico social dêxaram muito a desejá *a gente* passamo muinta necessidade é:: porque *a gente* não tinha recursos o único recurso qui *a gente* tem hoje qui *a gente* tinha hoje tá diminuino xxx plantio de mandioca quera onde se constituía a renda de da:: de noventa pu cento das famílias aqui constituído era: a única renda e:: da minha infância foi uma maravilha. (L29MF2E2)

Considerando os resultados de outras pesquisas realizadas na região, acreditamos que, na comunidade estudada, o pronome *nós* apresentará maiores realizações de marca morfêmica de primeira pessoa do plural, e *a gente* marca morfêmica de terceira pessoa do singular. Assim,

nossa H1 é que há interferência dessa variável na realização da variável dependente, e a H0 que não há interferência dessa variável na realização da variável dependente, com a variante *a gente* sendo mais favorecida com o verbo na 3PS. Os resultados estão dispostos no gráfico 8.

Gráfico 8- Distribuição de *nós* e *a gente* na variável marca morfêmica



Fonte: Elaboração própria (2021)

Os resultados mostram que o pronome *nós* é mais favorecido com marcas de 1PP, com um percentual de 90% (108/120), como em (60), e desfavorecido com marcas de 3PS – 21% (142/663). Por outro lado, *a gente* é mais favorecida em contextos de marca morfêmica de 3PS, com percentual de 79% (521/663), como em (61), e desfavorecida com marcas de 1PP - 10% (12/120). O teste exato de Fisher confirma que os resultados são estaticamente significativos ($X^2(1, N= 783) 219.89, p= 9.54e-50$), com associação média ($V^2 = 0.53$). Assim, rejeitamos H0 e confirmamos a H1: há efeitos da marca morfêmica na distribuição da variável dependente.

(60) é:: *nós* moramos é depende da da pessoa a formação que ela recebeu. (L3FF3E3)

(61) qui aqui no povoado *a gente* conhece todo mundo né – chegô uma pessoa de fora *a gente* já sabe qui num é daqui né. (L4MF3E2)

Esses resultados confirmam a nossa hipótese de que, na comunidade rural de Pariconha-AL, o pronome *nós* apresenta maiores realizações de marca morfêmica de 1PP, e *a gente* marca morfêmica de 3PS, e são semelhantes aos resultados de Feitosa (2017) e Souza (2020), que mostram que, na fala dos sertanejos alagoanos, o pronome *nós* tende a ser mais frequente como marca morfêmica de primeira pessoa do plural, e as ocorrências do pronome inovador *a gente* tendem a ser mais realizadas com marca morfêmica de terceira pessoa do singular

4.1.3.3 Paralelismo formal

A variável paralelismo formal, amplamente utilizada nos estudos sociolinguísticos, tem sido apontada por Lopes (1993) como uma variável relevante quanto ao uso dos pronomes *nós* e *a gente* em posição de sujeito. Os estudos sociolinguísticos têm mostrado que, em uma sequência discursiva, a realização de uma determinada forma linguística tende a condicionar as escolhas das formas subsequentes. Partindo desse princípio, a nossa hipótese é a de que a variante *a gente* é mais favorecida quando for antecedida por *a gente*.

Para controle dessa variável, selecionamos quatro fatores: realização isolada, quando aparece somente uma das formas pronominais no discurso, como em (62) e (63); primeiro da série, quando uma das formas aparece primeiro na sequência discursiva seguida das variantes *nós* ou *a gente*, como em (64) e (65), antecedido por *nós*, quando a forma variante *nós* ou *a gente* é antecedida pelo pronome *nós*, como em (66) e (67), e antecedido por *a gente*, quando a forma variante *nós* ou *a gente* é antecedida pela variante *a gente*, como em (68) e (69).

(62) não gosto eu falo *nós* moramos aqui. (L15FF1E2)

(63) -- minha infância foi – maravilhosa sempre *a gente* brincava ía pas roças /mas, mais/ meus avós meus tios. (L16FF1E2)

(64) sim falo sim essas coisa *nois* mora *nois* istuda *nois* fica. (L16FF1E2)

(65) - sim mudô bastante - porque só em você vê o que mudô porque antigamente qui nem eu falei antigamente *a gente* se alimentava dessa forma hoje *a gente* se alimenta bem graças a Deus né - num se alimenta cem pur cento /mas, mais/ vamo se dizê que setenta pur cento xx *a gente* se alimenta bem vive melhó de quê os tempos atrás né. (L21MF2E1)

(66) porque: têm mulheres qui: quando vai falá já sabe /mais, mas/ falá de que os zome por exemplo eu num falo muinto direito de que ar mulhé tem mulhé qui ela já sabe o sutaque certinho de falá *nois* vamos já eu não *nois* vai – aí eu acho isso diferença né. (L6MF1E1)

(67) - não – não eu já não falo porque eu já tenho conhecimento /mas, mais/ muintas vezes já xxx *a gente* tá numa roda de conversa *nós* temos qui entrá denda aquela roda de conversa e nos aperfeiçoá porque – são cum eles - - qui *a gente* vai aprendê – pá dêxá essa cultura viva nunca morrê essa cultura do do nosso fala (L12MF2E3)

(68) de manhã *a gente* ía pra iscola uma iscolinha qui tinha ali qui ainda hoje tem na Jurema e então daí *nois* chegava - quando *a gente* já era assim seur dez onze ano *a gente* pegava aquele almocinho e ía prá roça trabalhá e assim era o dia a dia até: *a gente* chega numa certa idade de tomá seu distino. (L22MF2E1)

(69) como é o dia a dia da gente aqui? ah o dia a dia da gente é: *a gente* vai pra roça - a tarde *a gente* cunvesa cum zamigo joga boa - - isso daí *a gente* faz isso tudo aqui - trabalha de servente têm dias e: é assim a: o dia a dia nosso aqui. (L5MF1E1)

Para observarmos se há efeito dessa variável em nossa pesquisa, retornamos a H0 de que não há interferência dessa variável na realização da variável dependente, e H1 que há interferência dessa variável na realização da variável dependente. Os resultados estão dispostos na tabela 2 e confirmam que há relevância estatística dessa variável ($\chi^2(3, N= 783) 123.85$, $p=1.15e-26$), com associação fraca ($V^2 = 0.39$). Assim, rejeitamos H0 e confirmamos a H1: há efeitos da variável paralelismo formal na distribuição da variável dependente na comunidade.

Tabela 1- Distribuição de *nós* e *a gente* na variável paralelismo formal

<i>paralelismo formal</i>	VD		Total
	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	
antecedido por <i>a gente</i>	40 15 %	227 85 %	267 100 %
antecedido por <i>nós</i>	84 71.2 %	34 28.8 %	118 100 %
realização isolada	72 36.9 %	123 63.1 %	195 100 %
primeiro da série	54 26.6 %	149 73.4 %	203 100 %
Total	250 31.9 %	533 68.1 %	783 100 %
$\chi^2=123.847 \cdot df=3 \cdot Cramer's V=0.398 \cdot p=0.000$			

Fonte: Elaboração própria (2021)

Ao analisarmos a tabela 2, verificamos que, na comunidade rural de Pariconha-AL, a variante *a gente* foi mais favorecida quando antecedido por *a gente* 85% (227/267) na mesma sequência discursiva, também em contextos de realização isolada 63% (123/195) e quando a

variante *a gente* aparece primeiro na sequência discursiva 73% (149/203). Por outro lado, observamos que o pronome *nós* é mais favorecido quando antecedido por *nós* 71% (84/118).

Desse modo, confirmamos nossa hipótese de que a variante *a gente* é mais favorecida quando antecedido por *a gente*. Das pesquisas reportadas na revisão sistemática (seção 2), Alves e Sousa (2020), Vitória (2016, 2017) e Souza (2020) controlaram a variável paralelismo formal, e os resultados se assemelham aos obtidos na comunidade rural de Pariconha-AL, cuja aplicação da variante *a gente* tende a ser mais favorecida quando antecedido por *a gente*.

4.1.3.4 Saliência fônica

Os estudos têm mostrado que a variável saliência fônica tem sido apontada como a variável da marcação explícita da concordância, também, têm apontado que a saliência é condicionante para o uso das formas distintas em concorrência (CHAVES, 2014). Também tem sido importante para explicar as escolhas dos falantes entre as variantes *nós* e *a gente* sujeito.

No que diz respeito ao comportamento da variável na concordância de primeira pessoa do plural, os estudos mostram que, quando o verbo está na primeira pessoa do plural, há [+saliência] e que, quando o verbo está conjugado na terceira pessoa do singular, há [-saliência].

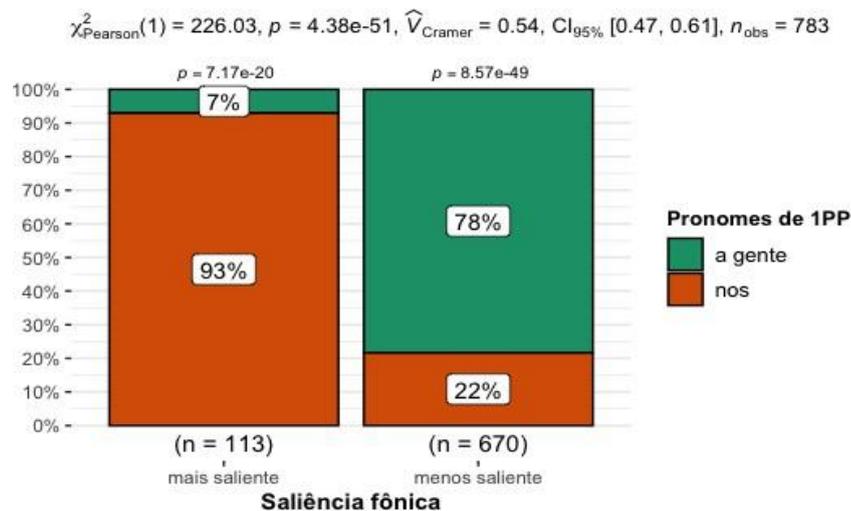
Para controlar essa variável, selecionamos dois fatores, a saber, mais saliente, como em (70), e menos saliente, como (71). Tomando por base os estudos de Foeger *et al.* (2017) e Souza (2020), partimos do pressuposto de que o fator menos saliente é mais relevante na aplicação da variante *a gente*, ou seja, quando menos saliente o contexto verbal maior a realização de *a gente*.

(70) sei qui *nós* brincávamos todos os dias de roba bandera a noite rodas – essas brincadeiras cantigas de rodas – sabe? eu tive foi uma infância qui aí comecei a istudá aos sete anos de idade – que pra mim istudá foi uma das umas coisa qui me xxxx qui eu tinha muinto medo eu não sei purquê qui eu lembro muinto bem[...] (L11FF3E3)

(71) eu acho:: eu acho normal né o importante realmente é passá a informação *a gente*:: entende *a gente* sabe qui cada um tem um grau de istudo diferente. (L27MF1E3)

Controlamos a saliência fônica para saber se há efeito da variável no fenômeno linguístico analisado. Para tanto, temos como H0 que não há interferência dessa variável na realização da variável dependente; e como H1 que há interferência dessa variável na realização da variável dependente. Os resultados estão dispostos no gráfico 9.

Gráfico 9- Distribuição de *nós* e *a gente* na variável saliência fônica



Elaboração própria (2021)

Em contextos que apresentam verbos mais salientes, a aplicação do pronome *nós* é de 93% (105/113) e, em contextos em que os verbos são menos salientes, a frequência do pronome inovador *a gente* é de 78% (525/670). Tais resultados confirmam a nossa hipótese inicial de que o fator menos saliente é mais favorecedor da aplicação da variante inovadora *a gente*. O teste qui-quadrado aponta que a variável é estaticamente significativa ($X^2(1, N=7830=226.03, p=4.38e-51)$), com associação média ($V^2 = 0.54$), confirmando a H1 de que há interferência dessa variável na realização da variável dependente na comunidade estudada.

Esses resultados comungam da visão de Foeger *et al.* (2017) e Souza (2020), que mostram em seus estudos que verbos que são salientes são mais favorecedores da aplicação da variante inovadora *a gente*. Desse modo, na comunidade rural de Pariconha- AL, os dados mostram que *a gente* apresenta o mesmo comportamento dessas descrições sociolinguísticas.

4.1.3.5 Determinação do referente

A variável determinação do referente refere-se à referência feita ao sujeito: determinando ou indeterminado, conforme Tamanine (2002). Para analisar o comportamento dessa variável na comunidade rural de Pariconha-AL, consideramos dois fatores: sujeito determinado, como em (72) e (73), e sujeito indeterminado, como em (74) e (75).

(72) *nós* vive aqui (L12MF2E3)

(73) -- minha infância foi – maravilhosa sempre *a gente* brincava ía pas roças /mas, mais/ meus avós meus tios. (L16FF1E2)

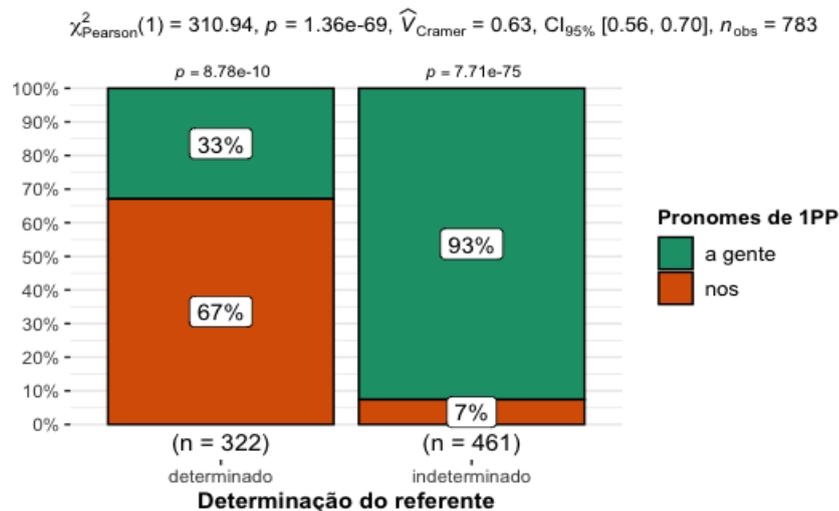
(74) é a população *nois* participa aqui da semana santa sexta fêra da paixão qui vem os pessual de fora pá participá *nois* vamo prá procissão – aí incontra ôtos povoado nois tudo se reuni. (L17FF2E1)

(75) disatrativo é:: quando *a gente* tá num ambiente qui os povo fica julgano sem sabê o motivo - aí - - é muinto disatrativo viu. (L6MF1E1)

Partindo do princípio de que, em contextos de referente indeterminado, há uma maior preferência pelo uso de *a gente*, e, em contextos de referente determinado, há um maior favorecimento da aplicação do pronome padrão *nós* (DEON *et al*, 2016; SOUZA, 2020), em nosso estudo, partimos do pressuposto de que o referente indeterminado favorece mais a aplicação da forma pronominal inovadora *a gente*.

Para saber se há efeito da variável determinação do referente nos dados analisados, temos como H0 a hipótese de que não há interferência dessa variável na realização da variável dependente; e como H1 que há interferência dessa variável na realização da variável dependente. Os resultados estão dispostos no gráfico 10.

Gráfico 10- Distribuição de *nós* e *a gente* na variável determinação do referente



Fonte: elaborado pela autora

Os resultados mostram que os falantes aplicam mais a variante inovadora *a gente* com referente indeterminado – 93% (427/461), confirmando a nossa hipótese de que, na comunidade rural de Pariconha-AL, o referente indeterminado favorece mais a aplicação da forma pronominal inovadora *a gente*. Os dados mostram, também, que, em contextos de referente determinado, há uma maior aplicação da variante padrão *nós* – 67% (216/322). Os resultados apresentados pelo teste qui-quadrado apontam que a variável é estaticamente significativa (X^2

(1, N=783) 310.94, $p= 1.36e-69$), com associação média/forte ($V^2 = 0.63$), confirmando a H1 de que há interferência desse fator na realização da variável dependente na comunidade.

A partir da análise dos dados, verificamos que resultados obtidos em nossa pesquisa se assemelham aos resultados dos estudos reportados na revisão sistemática (seção 2), que mostram que há maior probabilidade da aplicação do pronome inovador *a gente* na função de sujeito com referente indeterminado, resultado que aponta a mesma tendência atestada em outros estudos, como Deon *et al* (2016) e Souza (2020).

4.2 Análise multivariada

Apresentada a descrição das análises bivariadas, observamos quais variáveis estão favorecendo a realização da variante *a gente* na posição do sujeito por meio da análise multivariada de regressão logística, a partir de modelos lineares generalizados (OUSHIRO, 2017; FREITAG, 2021). Para tanto, pontuamos a retirada da variável sexo por não apresentar significância estatística na análise bivariada.

Na tabela 3, apresentamos o resultado do modelo de regressão logística⁸, que possibilita observar quais os valores favorecem o uso da variante *a gente* na posição de sujeito e quais desfavorecem. Assim, valores positivos representam o favorecimento de ocorrências da variável em estudo, e os valores negativos correspondem ao desfavorecimento.

Tabela 2- Resultados do Modelo de Regressão Logística com as variáveis estatisticamente significativas para o uso da variante *a gente*

	Estimativas	Pr(> z)
<i>Intercept</i> *	-4.7250	<0.0001 ***
Faixa		
faixa 2	-0.8259	0.014 *
faixa 3	-0.0379	0.917
Escolaridade		
médio	1.1210	0.000 ***

⁸ Modelo: glm(formula = VD ~ faixa + escolaridade + tempo + morfema + paralelismo + saliência + referente, family = "binomial", data = dados)

superior	1.7613	<0.0001 ***
Tempo		
infinitivo	-0.1682	0.800
perfeito	1.2507	0.058 .
presente	0.3546	0.446
Morfema		
3PS	2.7726	<0.0001 ***
Paralelismo		
antecedido nós	-2.2333	<0.0001 ***
isolado	-1.2104	0.001 **
primeiro	-0.6507	0.084 .
Saliência		
menos saliente	1.8724	0.009 **
Referente		
indeterminado	3.1828	<0.0001 ***

*O *intercept* corresponde aos valores de faixa 1, fundamental, imperfeito, 1PP, antecedido por a gente, mais saliente e determinado

Fonte: elaborada pela autora

O poder explanatório do modelo é substancial ($R^2 = 0.63$), o que explica 63% da variação observada. O *intercept* do modelo é de -4.73 (SE = 0.82, 95% CI [-6.38, -3.15], $p < .001$). As variáveis faixa etária, escolaridade, tempo verbal, marca morfológica, paralelismo formal, saliência fônica e determinação do referente apresentam correlação com a variação em estudo, uma vez que apresentam diferenças significativas nos fatores das variáveis.

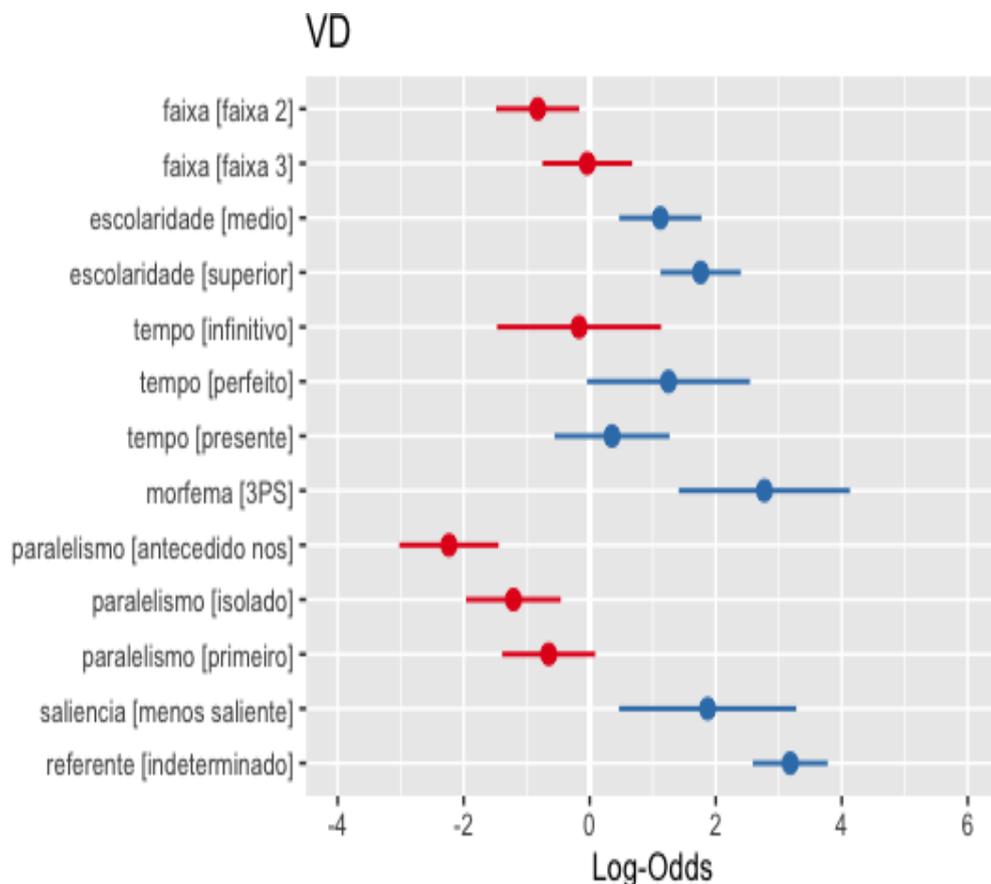
Na variável faixa etária, a variante *a gente* é favorecida na faixa etária 1, entre os falantes mais jovens. Por outro lado, há um maior desfavorecimento na faixa etária 2 (est -0.8259 $p = 0.014$) e na faixa etária 3 (-0.0379 $p = 0.9117$). Na variável escolaridade, há favorecimento da variante *a gente* em todos os níveis de escolarização, fundamental – (101/193), nível médio (1.1210 $p = 0.000$) e superior (1.7613 $p = 0.0001$), o que nos leva a pontuar que, à medida que os falantes saem de suas comunidades e se inserem nos ambientes universitários, adquirem novos comportamentos linguísticos e preferência pelo pronome inovador *a gente*

Os números mostram que, na variável tempo verbal, há favorecimento na realização de *a gente* em contextos de pretérito perfeito (1.2507 $p= 0.058$) e tempo presente (0.3546 $p= 0.446$), em contrapartida, há desfavorecimento no tempo infinitivo (-0.1682 $p= 0.800$). No que diz respeito às variáveis marca morfêmica, saliência fônica e determinação do referente, há favorecimento na realização de *a gente*, para os fatores 3PS, menos saliente e referente indeterminado, (2.7726 $p= 0.0001$), (1. 8724 $p=0.009$) e (3.1828 $p= 0.0001$), respectivamente.

Por outro lado, em contextos de paralelismo formal, há desfavorecimento das ocorrências de *a gente* nos fatores antecedido de *nós* (-2.2333 $p=0.0001$), realização isolada (-1.2104 $p=0.001$) e primeiro da série (-0.6507 $p= 0.084$).

Os resultados do modelo também podem ser visualizados no gráfico 12. As linhas vermelhas apresentam o desfavorecimento da variante *a gente*, corroborando com o que observamos na tabela 3: faixa etária 2, faixa etária 3, infinitivo, antecedido de *nós*, realização isolada e primeiro da série. Os resultados reforçam o que foi observado nas análises bivariadas.

Gráfico 11- Estimativas para o favorecimento da variante *a gente*



Fonte: elaborado pela autora

Dessa maneira, observamos que os resultados encontrados nas variáveis contribuem para a compreensão do uso de *nós* e *a gente* na posição de sujeito na comunidade em estudo. Após as análises dos dados, verificamos que a variável extralinguística sexo não se mostrou estaticamente significativa no estudo e a hipótese não foi confirmada, pois essa variável extralinguística não influencia na escolha feita pelos falantes. No entanto, todas as outras variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas são estaticamente significativas, confirmado que estão correlacionadas a variação em estudo. Assim, verificamos que, na comunidade, a variação *nós* e *a gente* é condicionada por restrições linguísticas e sociais.

5. CONCLUSÃO

Neste estudo, analisamos a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na zona rural de Pariconha- AL, com o objetivo de observar como o fenômeno em estudo se comporta entre os falantes da comunidade. Para tal, recorreremos ao aporte teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008), que postula que a língua é dotada de heterogeneidade ordenada. Assim, buscamos investigar as motivações linguísticas e sociais, que condicionam esse fenômeno linguístico variável.

Para tanto, realizamos uma análise quantitativa dos dados com intuito de responder alguns questionamentos: qual a frequência de uso de *nós* e *a gente* na comunidade? As variáveis internas e externas apresentam efeitos nas realizações da variação em estudo? Crendo que a variação não é aleatória, quais variáveis condicionam o uso de uma ou de outra forma pronominal na comunidade estudada? Supondo a existência da variação na comunidade, tal variação reflete um processo de variação estável ou de mudança em progresso?

Considerando a língua como um sistema heterogêneo e ordenado, passível de variação e mudança, como respostas provisórias aos questionamentos, partimos do pressuposto que de *a gente* é a variante preferida, sendo favorecida nos seguintes contextos: pretérito imperfeito, marca morfêmica de terceira pessoa do singular, *a gente* antecedido por *a gente*, contextos menos salientes, tempos verbais em que há menor saliência fônica e referente indeterminado.

Por fim, hipotetizamos que o uso da variante inovadora *a gente* seja mais frequente entre os jovens e decrescente em relação à idade de outros informantes, acreditando que o uso *nós* e *a gente* na comunidade rural de Pariconha reflete um processo de mudança em progresso.

Com intuito de alcançar os objetivos propostos, recorreremos a uma amostra sincrônica composta por 45 entrevistas de informantes da zona rural de Pariconha-AL, estratificadas segundo as variáveis faixa etária, sexo e escolaridade. Após a análise e codificação das construções, obtivemos 783 realizações de pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito, que foram tratadas estaticamente no programa computacional R (R CORE TEAM, 2018).

A partir da análise estatística dos dados, observamos que, na comunidade rural de Pariconha- AL, há variação pronominal de primeira pessoa do plural na posição de sujeito, com a predominância da forma inovadora *a gente* – 68% (533/783) contra 32% (250/783) das realizações de *nós*. Esses resultados corroboram a nossa hipótese inicial de que a variante *a gente* é forma preferida para representar a primeira pessoa do plural na posição de sujeito.

Partindo do pressuposto de que a variação não acontece de forma aleatória, mas motivada por grupo de fatores linguísticos e extralinguísticos, observamos, que, na comunidade em estudo, a variação *nós* e *a gente* é condicionada pelas variáveis tempo verbal, marca morfológica, paralelismo formal, saliência fônica, determinação do referente, faixa etária e escolaridade, selecionadas como estaticamente significativas pelo programa computacional R. A variável sexo, por sua vez, não foi considerada relevante na análise dos dados.

As variáveis extralinguísticas que controlamos foram sexo, faixa etária e escolaridade. Em relação ao sexo, observamos que homens e mulheres apresentaram percentuais semelhantes em relação ao uso da variante *a gente* – 68%, o que nos leva a pontuar que não há diferenças relevantes, os resultados mostram que não há significância estatística ($p= 0.935$).

Com relação a variável faixa etária, há maior realizações de *a gente* na faixa 1, com 82% (155/190), os resultados foram significativos, revelando indícios de uma mudança em progresso através da implementação da variante *a gente* entre os falantes mais jovens.

Na escolaridade, a variante *a gente* apresenta maior realização em todos níveis de escolarização, fundamental – 52% (101/193), Médio – 73% (190/261) e superior – 74% (242/329), também, estaticamente significativa ($p=0.0001$), mas é mais favorecida entre os falantes mais escolarizados da comunidade.

No que se refere as variáveis linguísticas controladas, no tempo verbal, os dados mostram que o uso de *a gente* foi mais recorrente em concordância com o verbo no pretérito imperfeito 80% (56/70); o infinitivo, com 76.1% (35/46); também, o verbo no presente, com 67% (424/633); e o pretérito perfeito, com 52.9% (18/34). A análise multivariada mostra que há maior relevância nas realizações de *a gente* em contextos de pretérito perfeito (1.2507 $p= 0.058$) e tempo presente (0.3546 $p= 0.446$). Em consonância com os estudos sociolinguísticos, esses dados mostram que o tempo verbal exerce influência na escolha dos falantes, favorecendo o uso de *a gente* nos tempos verbais pretérito imperfeito, pretérito perfeito e presente.

Na variável marca morfológica, a variante *a gente* é mais favorecida em contextos de marca morfológica de 3PS, com 79% (521/663), e desfavorecida com marcas de 1PP, com 10% (12/120). Sendo o primeiro o condicionador de aumento das realizações de *a gente* em posição de sujeito, os resultados se mostraram significativos ($p = 0.0001$).

Em relação ao paralelismo formal, a variante *a gente* foi mais favorecida em contextos que *a gente* é antecedida por *a gente* 85% (227/267), em contextos de realização isolada 63%

(123/195) e quando a variante *a gente* aparece primeiro na sequência discursiva 73% (149/203). Assim, há maior realização da variante em contextos que *a gente* é antecedida por *a gente* e os resultados estatísticos se mostram significativos ($p = 0.0001$).

Em relação à variável saliência fônica, foi observado que, em contextos de verbos menos salientes, há maior aplicação e significância da variante *a gente*, com 78% (525/670), o que mostra que, do ponto de vista estatístico, esses dados são significativos ($p = 0.009$).

No que diz respeito à variável determinação do referente, encontramos 93% (427/461) da variante inovadora *a gente* com referente indeterminado, assim, em contextos de referente indeterminado, há mais favorecimento da aplicação da forma pronominal inovadora *a gente*, os resultados dessa variante também se mostram significativos ($p = 0.0001$).

Tendo em vista os resultados, realizamos uma análise multivariada de regressão logística e obtivemos os seguintes resultados das variáveis que apresentam significância: a variante *a gente* é favorecida na faixa etária mais jovem, em todas as níveis de escolarização, em tempos verbais imperfeito, perfeito e presente, morfema 3PS, em contextos de *a gente* antecedido por *a gente*, menos saliente e referente indeterminado.

O controle dessas variáveis linguísticas e sociais permitiram-nos mostrar como as variantes *nós* e *a gente* na posição de sujeito comportam-se e configuram-se na comunidade, bem como revelar que, em relação às variáveis linguísticas, o comportamento da comunidade se assemelha ao comportamento das comunidades revisitadas na seção 2 (SEARA, 2000; TAMANINE, 2010; FRANCESCHINI, 2011; DEON *ET AL*, 2016; FOEGER *ET AL*, 2017; VITÓRIO, 2016; 2017; ALVES; SOUSA, 2020; SOUZA, 2020).

Esperamos que a nossa pesquisa tenha contribuído para o entendimento de como se processa a variação de primeira pessoa do plural na posição de sujeito na comunidade rural de Pariconha/AL. Também esperamos contribuir com outras pesquisas de descrição e análise linguísticas do fenômeno *nós* e *a gente* sob a ótica da sociolinguística Variacionista, bem como com o mapeamento das variedades do português brasileiro

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ALMEIDA, N. M. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2000.
- Béliche Alves, C. C., & Pereira Sousa, L. K. (2020). **A Variação Nós/A Gente no Falar Maranhense**. *Porto Das Letras*, 6(1), 34-49. Disponível em: <http://betas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/8079>. Acesso em: 5 Dez. 2020.
- BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CALLOU, D. e LOPES, C. R. dos S. 2004. Contribuições da sociolinguística para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e mudança linguística. João Pessoa: **Revista do GELNE**, 5 (1-2):p.63-74.
- CAMARA Jr. M. *História da Linguística*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CARVALHO, Mariana Araújo Simões de. **Uso variável de nós e a gente na fala e escrita de pessoas do Distrito Federal**. 2015. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: [Monografia revisada \(unb.br\)](#). Acesso em: 5 dez. 2020.
- CEGALLA, D. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- COELHO, I. L [et al.] **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5 .ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DEON, V. A.; LOREGIAN PENKAL, L.; FRANCESCHINI, L. T. **VARIAÇÃO PRONOMINAL NÓS/A GENTE EM GUARAPUAVA, PARANÁ: O PAPEL DOS FATORES LINGÜÍSTICOS**. *Trama, [S. l.]*, v. 12, n. 27, p. 110–138, 2016. DOI: 10.48075/rt.v12i27.14295. Disponível em: <https://erevista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/14295>. Acesso em: 5 dez. 2020.
- FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FEITOSA, J. G. **A Variação nós e a gente na posição do sujeito no sertão alagoano**. 71f. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas Delmiro Gouveia, 2017.
- FERNANDES, E. Fenômeno Variável: nós e a gente. In: Hora , D. (Org). **Estudos sociolinguística: perfil de uma comunidade**. João Pessoa, 2004.

FOEGER, C. C. YACOVENCO, L. C. SCHERRE, M. M. P. A primeira pessoa do plural em Santa Leopoldina/ES: correlação entre alternância e concordância. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 5-17, janeiro-junho 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/>>.

FONSECA, F. F. ; LOPES, N. da S. **A variação do sujeito nós e a gente no português falado em Alagoinhas, Bahia**. Revista Philologus, 2020. v. 26 n. 76. RiodeJaneiro: CiFEFiL, jan./abr.2020. Disponível em: Vista do 11. A variação do sujeito nós e a gente no português falado em Alagoinhas, Bahia (revistaphilologus.org.br). Acesso em: 5 dez. 2020.

FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no português brasileiro. **DELTA - ISSN (ELETRÔNICO)** v. 32, n. 4, 2016. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/29225>> Acesso em 10 de nov de 2021.

GRIES, S. T. **Estatística com R para a linguística**. Belo Horizonte. FALE/UFMG, 2019.

GOLCALVES, S.; LIMA-HERNANDES, M.; CASSEB-GALVÃO, V. **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

KATO, A. M.; NASCIMENTO, M. **Gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Unicamp, 2009.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change. Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LIMA, Antonio Elton de. **Um estudo sobre a variação do uso de “nós” e “a gente” na cidade de Luziânia (GO)**. 2017. [18] f., il. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras Português)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente: Um estudo sobre a variação do uso de “nós” e “a gente” na cidade de Luziânia - GO (unb.br). Acesso em: 5 dez. 2020.

LOPES, C. R. S. **De gente para a gente: o século XIX como fase de transição**. In: ALKMIM, Tânia Maria (Org.). Para a História do Português Brasileiro – Novos Estudos. São Paulo, **Humanitas** /FLP/USP, p. 25-46. 2002.

LOPES, C. R. S. **A gramaticalização de a gente em Português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos**. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 4, n.1 (47-80), julho de 2004.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Nós e A gente no Português Falado Culto do Brasil**. Dissertação de mestrado, UFRJ, 1993.

MOLLICA, C; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

NASCIMENTO, C. S. **Nós e a gente em Salvador: confronto entre duas décadas**. 2013. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2013. Disponível em: [DISSERTACAO_CARINA_19-05-13 \(ufba.br\)](#). Acesso em: 5 dez. 2020.

OMENA, N. **A referência à primeira pessoa do discurso no plural**. In: OLIVEIRA e SILVA, M.; SCHERRE, M. (orgs). *Padrões sociolinguísticos. estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996.

PERES, E. P. **O uso de você e cê em Belo Horizonte: um estatuto em tempo aparente e real**. 2006, 234 f. Tese (doutorado em linguística)- Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006. PIETROFORTE (2012).

ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico. Brasília: INL, 1979.

RUBIO, C. F. **A importância da metodologia no estudo da alternância pronominal e da concordância verbal de primeira pessoa do plural**. Cuadernos de la alfa. 90-106 ISSN 2218-076. nº 7 março de 2015.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2017. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 06 jan. 2020.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEARA, I.C. A variação do Sujeito nós e a gente na fala Florianopolitana. Revista Organon. Instituto de Letras UFRGS, Porto Alegre -RS, v. 14, n. 28-29, 2000.

SILVA, F. J. de A. **A variação pronominal nós e a gente na fala de Fortaleza**. 2020. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal do Ceará, centro de Humanidades, Programa de Pós Graduação em Linguística, Fortaleza, 2020. Disponível em: [2020_dis_fjasilva.pdf \(ufc.br\)](#). Acesso em: 5 Dez. 2020.

SILVA, J. A. A. da. **Concordância verbal com pronome nós na zona rural de Pariconha-AL**. Dissertação (mestrado em Linguística e Literatura)- Universidade Federal de Alagoas. Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2021.

SILVA, L. F.; VITÓRIO2, E. G. S. L. A. **O uso do pronome nós e da variante a gente na posição de sujeito entre os falantes não escolarizados do alto sertão alagoano**. VERBUM (ISSN 2316-3267), v. 10, n. 2, p. 197-212, set. 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/54800>. Acesso em: 20 Set. 2021.

SOUZA, M. H. M. **A variação nós e a gente na posição de Sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas/Água Branca-AL**. 2020. Dissertação (mestrado em linguística e Literatura)- Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2020. Disponível em: [A variação nós e a gente na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas - Água Branca - AL.pdf \(ufal.br\)](#). Acesso em: 5 Dez. 2020.

SOUZA, A. S. ; BOTASSINI, J. O. M. **A VARIAÇÃO NO USO DOS PRONOMES-**

- SUJEITO NÓS E A GENTE.** Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: [gt_lg06_artigo_4.pdf \(ufu.br\)](#). Acesso em: 20 set. 2021.
- SCHERRE, M. M. P. Paralelismo Linguístico. Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Rev.Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.7, n.2, p.29-59, jul./dez. 1998.
- SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J; YACOVENCO, L. C. **Nós e A gente em Quatro Amostras do Português Brasileiro: Revisitando a Escala da Saliência Fônica .Diadorim**, Rio de Janeiro, vol. 20 – Especial, p.428-457, 2018.
- SPESSATTO, M. B. **Formas inovadoras não conhecem fronteiras: nós/a gente na fala da população da Costa da Lagoa.** Santa Catarina, Working Papers em Linguística, 2010. v. 11 n. Especial 2010, p. 82-93, janeiro, 2010. Disponível em: [Formas inovadoras não conhecem fronteiras: nós/a gente na fala da população da Costa da Lagoa | Working Papers em Linguística \(ufsc.br\)](#). Acesso em: 5 dez. 2020.
- TAMANINE, A.M.B. Curitiba da gente: **Um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramatização de a gente na cidade de Curitiba -PR.** Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- TAMANINE, A. M. B. **A alternância nós e a gente no interior de Santa Catarina.** Tese de Mestrado. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Curitiba. Universidade Federal de Sergipe - UFS | ISSN 1980-8879 | p. 159 – 172. 2002.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.**São Paulo: Ática, 2002
- VITÓRIO. E. G. S. L. A. Variação nós e a gente na fala culta da cidade de Maceió/al. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura.** São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 159-172, 2016.
- VITÓRIO. E. G. S. L. A. **A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL.** Letrônica. Porto Alegre, v.10,n 1, p.122-138, janeiro-julho, 2017.
- VITÓRIO. E. G. S. L. A. **A variação nós e a gente na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL.** Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória- ES, v. 9 n. 14, p. 126-141, Abril, 2019. Disponível em: [A variação nós e a gente na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL | Revista \(Con\)Textos Linguísticos \(ufes.br\)](#). Acesso em: 5 dez. 2020.
- VITÓRIO, E. G. S. L. A. **(CON)TEXTOS LINGUÍSTICOS**, v. 12, p. 61-77, 2018. Disponível em < <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/19383>>. Acesso em 10 de nov de 2021.
- VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: **Introdução sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2010.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para umateoria da mudança lingüística.* São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].